

NA CORDA BAMBÁ

nº0

junho de 2026

REVISTA DIGITAL TERRIVELMENTE DE ESQUERDA

SARAVÁ!

se puder, pague algum valor pra ler [pix fabpmaciel@gmail.com](mailto:pix_fabpmaciel@gmail.com)



cultura, arte, política, futebol, luta de classes, poesia, prosa, sonhos, memórias, reflexões e putaria.



allan sieber na copa que o pariu # **carlos eduardo lima** e a geopolítica da fome de bola # **cristiana garcia** prosa instantânea não é nescafé # **danilo matoso** o maracanã de niemeyer e as batalhas pelo maracanã # **di moretti** e a morabeza caboverdiana # um conto distópico e futebolístico de **eduardo souza lima** # **fabiano maciel** lito caiu no buraco # **flávia lins e silva** já teve que entender de futebol # **igor ojeda** marca um gol pela palestina # **kamille viola** e as canções futebolísticas de jorge benjor # **manoel filho** e o pachequismo em vila valqueire # **márcio pinheiro** uma partida sem apito final # **paulo scott** faz um poema e uma aposta # **rafaela simonato** e a gentrificação dos estádios padrão fifa # uma entrevista com a artista visual **rebeca carapiá** # **tárik de souza** desenrola o fio entre o futebol e a música brasileira # **vlad cunha** numa cena de padaria paulista + 4 playlists pra dançar, amar e odiar.



tá pensando que tudo é futebol?

sim.
quase tudo.



FESTA DE SANTO ANTÔNIO
DE 31/05 A 13/06

QUERMESSE
06/06
DAS 12H ÀS 21H

FESTA DE
SANTO ANTÔNIO
13/06
COM QUERMESSE

JOGO DO
BRASIL
13/06
VENHA TORCER CONOSCO!
A PARTIR DAS 18H30

VENDA DE BOLO, PASTÉIS E ARTIGOS RELIGIOSOS
A PARTIR DE 02/06

70

neles

?



**onde você estava
em 2013?
na rua gritando
não vai ter copa?
então...
tu tava errado mané.**

BANKSY SWIFT

editorial

EDIFICANTE, EMOCIONAL, EMPODERADO

Esta é uma revista digital que pretende ser muita coisa. Por enquanto, ela é uma mensagem no seu zap, email e rede social. Arrisque e abra o pdf número zero. **NA CORDA BAMBA** foi feita por quem gosta de escrever e para quem ainda gosta de ler. Quem fez esta bagaça sabe ler, escreve mal e não tem vergonha na cara. Não se preocupem, os colaboradores são escribas de verdade. Esta não é uma revista de jornalistas, embora alguns estejam por aqui. Tampouco é uma revista de escritores, mas também temos alguns na área. **NA CORDA BAMBA** é uma revista de quem e pra quem está cansado. De ser pautado por gente chinelona e obtusa. De ter que ser simpático, de pisar em ovos, de ter que se reinventar. (Que porra é esta de ter que se reinventar?!). Cansado de ter que ser jovem e sem saco nenhum pra jovens e velhos conservadores. Cansado de jornalistas que escrevem *num mundo cada vez mais polarizado*...polarizado meuzovos bagual! É o mundo do Trump, do Netanyahu, do Elon Musk, da direita nazi, dos negacionistas, terraplanistas, dos anti-vacinas, anti-ciência, dos supremacistas e dos intolerantes religiosos. Aqui no Brasil, esta turma tem nome e, principalmente, sobrenome: bolsonaristas. Que trazem junto com eles um saco gigante de merda em estado puro: milicianos, militares saudosistas da redentora, policiais convertidos, pastores, a turma do agro e seus cantores insuportáveis; os coachs, o seu tio almeida, a sua tia cidinha, o seu primo que casou com uma delegada, os privatizadores que tentam destruir a saúde e a educação pública. E esta turma serve uma outra turma, muito mais poderosa: o Mercado. Que por sua vez molha a mão de uma penca de gente desavergonhenta: donos de jornais, que contratam jornalistas e economistas que pagam pau pro mercado e escrevem frases cretinas como *num mundo cada vez mais polarizado*. Portanto rapaziada, no fim das contas, tudo se resume a velha e boa luta de classes. **É nós contra eles**. Vale lembrar que esta turma tem um senso estético medonho e um ódio mortal a uma palavra que eles só pronunciam espumando de ódio: Cultura.





Nos anos 70, os discos no Brasil vinham com a frase na capa: disco é cultura. Porém, aaaaaaiiii porém: **NA CORDA BAMBA** jamais entra nesta de alta e baixa cultura. O lance aqui é esculhambação, provocação e pentelhação. Com alguma poesia e alguma graça. **NA CORDA BAMBA** é um prolongamento do blog que lancei em 2023, numa tentativa desesperada de faturar um qualquer e de não enlouquecer com a falta de trabalho pós-pandemia. O blog ainda existe, distribuindo semanalmente maledicências e mensagens edificantes. Se tudo correr bem, em breve, esta revista terá atualizações diárias. Eu abri um jogo, vi as cartas e arrisquei uma análise de mercado na IA e no I Ching. Pode ser que funcione. Pode ser que não. **NA CORDA BAMBA** tem uma missão - hoje até padaria tem missão, e não é vender pão, é te proporcionar uma experiência única, tipo pão na chapa saída requeijão- e a missão primordial desta revista é: **ser um instrumento para a minha autopromoção**. Ser um veículo para vender o meu peixe como diretor, roteirista, analista de projetos audiovisuais, dj e pai de dois meninos. E por tabelinha, encher a bola dos amigos que ajudam esta trosoba ir adiante. E apesar dela nascer natimorta, desacreditada, com tiro na testa e o fracasso subindo a cabeça, vejo vocês no próximo número em julho.

Saravá!

Fabiano Maciel

FABIANO MACIEL nasceu em Porto Alegre em 1965. É gremista, mas como viveu 3 décadas no Rio de Janeiro se deu ao direito de torcer também para o Botafogo. Vive em São Paulo desde 2014. Dirigiu e escreveu o roteiro de cinco longas-metragens documentais. **Oscar Niemeyer, a Vida é um Sopro**, é o mais conhecido e premiado deles. Seus trabalhos mais recentes são: **Quando o Brasil era Moderno**, documentário que ganhou menção honrosa no Festival É Tudo Verdade2025 e Atlantidoc 2025 (Uruguai), as séries **Raiz**, **Arte Afrobrasileira Contemporânea** (canal curta!), que teve a curadoria da artista Rosana Paulino e **Arte Brasileira Quadro a Quadro** (co-direção com Marcos Guttman, Arte 1) Em 2022 a série que co-dirigiu com Jorge Bodanzky e exibida no canal HBO **Transamazônica, uma Estrada para o Passado** foi vencedora do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro de 2022, na categoria de melhor série documental. Em 2019 lançou **Sambalanço, a Bossa que Dança**, filme em parceria com o jornalista Tárík de Souza. Está finalizando seu novo filme: **Native Brazilian Music**.

expediente:

NÃO TEM. MAS EM BREVE NO **SUBSTACK**

E SE VOCÊ NÃO É OFICIAL DE JUSTIÇA, PODE TENTAR
AQUI: **[HTTPS://NACORDABAMBA.BLOG/](https://nacordabamba.blog/)**



EDIÇÃO, LEIAUTE E VÁRIAS FOTOS: **FABIANO MACIEL**

ILUSTRAÇÕES E VINHETAS: **ALLAN SIEBER**

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: **FRANK HOHNE**

APOIO COACH 24 HORAS: **DANILO MATOSO**



índice down jim jones

JORGE BEN JOR, O HOMEM GOL kamille viola	pág.11
FUTEBOL E MÚSICA BRASILEIRA tárik de souza	pág.16
UMA PARTIDA SEM APITO FINAL márcio pinheiro	pág.23
DANDO CORDA PARA REBECA CARAPIÁ fabiano maciel	pág.26
O MARACANÃ DO OSCAR E AS BATALHAS PELO MARACANÃ danilo matoso	pág.36
O PATRIMÔNIO DO FUTEBOL EM RISCO rafaela simonato citron	pág.43
SARRIÁ II ou A INEVITABILIDADE eduardo souza lima	pág.48
MORABEZA FUTEBOL CLUBE di moretti	pág.51
ESTUDO O TEMPO DAS APOSTAS paulo scott	pág.54
UM GOL NA PALESTINA, PELA PALESTINA igor ojeda	pág.56
UM PACHECO ESQUECIDO NUM MURO DE VILA VALQUEIRA manoel filho	pág.61
UM PEIXE NO GRAMADO flávia lins e silva	pág.64
PROSA INSTANTÂNEA NÃO É NESCAFÉ cristiana garcia	pág.67
ALLAN SIEBER NA COPA QUE O PARIU allan sieber	pág.71
A GEOPOLÍTICA DA FOME DE BOLA carlos eduardo lima	pág.73
LITO CAIU NO BURACO fabiano maciel	pág.79
UM DIA NUMA PADARIA EM SP vlad cunha	pág.86
PLAYLISTS NA CORDA BAMBA fabiano maciel	pág.88
AGRADECIMENTOS aos APOIADORES	pág.91

JOGA BOLA JOGADOR



por:

KAMILLE VIOLA

na foto do arquivo nacional:
jorge ben jor com o trio mocotó

JORGE BEN JOR, HOMEM GOL

Foi no álbum *Big Ben* (1965) que o futebol fez sua estreia na obra de Jorge Ben (Jor), ainda que timidamente: na música “Deixa o menino brincar”, ele canta sobre o garoto “que, antes de ir pra escola, joga bola e põe a pipa no ar”.

Ele voltaria a abordar o tema em *Jorge Ben* (1969) — com a famosa ilustração do artista com um violão com um escudo do time Rubro-Negro na capa —, anunciando no hit “País tropical” (lançado anteriormente por Wilson Simonal, então o mais popular intérprete do Brasil): “sou Flamengo e tenho uma nega chamada Teresa”. Em *Negro é lindo* (1971), “Porque é proibido pisar na grama” continha um desejo-apelo: “Preciso ver uma vitória do meu time / Se for possível, vê-lo campeão”.

Mas foi o disco *Ben* (1972) que ele trouxe pela primeira vez um dos hinos que tornariam o esporte um dos temas mais marcantes de sua obra. “Fio Maravilha” descreve de forma épica um gol feito pelo atacante do Flamengo naquele mesmo ano: “E novamente ele chegou com inspiração / Com muito amor, com emoção, com explosão, um gol / Sacudindo a torcida aos trinta e três minutos do segundo tempo / Depois de fazer uma jogada celestial, um gol”. Jorge descreve o lance como quem conta a saga de um cavaleiro medieval em uma heroica batalha. Golaço: é uma das músicas mais cantadas em seus shows até hoje. No ano seguinte, para espanto geral, Fio processaria o artista pela canção, algo de que se arrependeria pelo resto da vida. Chateado, Ben Jor passaria a cantar “Filho Maravilha”. A magia da obra, felizmente, permanece.



Em 1973, Babulina registrou uma emocionante versão do “Hino do Flamengo”, composto por Lamartine Babo. Ele — que conta ter chegado a atuar nos times mirim e juvenil do clube — já havia interpretado a música no emblemático programa MPB Especial, dirigido por Fernando Faro, de 1972.

A gravação em estúdio, no entanto, só se tornaria conhecida anos mais tarde, em 2009, com o CD duplo *Salve, Jorge! Raridades e inéditas* (1963-1976), parte integrante de uma caixa que incluía ainda 13 álbuns de Jorge lançados pela gravadora Philips entre 1963 e 1976.

No cultuado *A tábuia de esmeralda* (1974), foi a vez de “Eu vou torcer”, na qual Ben Jor enumera coisas pelas quais vai torcer — entre elas, é claro, o mengão. O disco seguinte, *Solta o pavão* (1975), contava com futebol em dose dupla: a também heroica “Zagueiro”, sobre “o anjo da guarda da defesa”, e a divertida “Cuidado com o bulldog”, em que o personagem leva “uma mordida bem grande nos fundilhos” e o eu-lírico comemora: “Bem-feito, não vai poder ir no Maracanã / Não vai poder sentar naquela arquibancada / Dura, áspera e quente / Só vai poder ficar de pé”



Em *África Brasil* (1976), Jorge sobe para três o número de faixas com menções futebolísticas: o clássico “Ponta de Lança Africano (Umbabarauma)”, com seu refrão-mantra e seu riff inconfundível; a inusitada “Meus filhos, meu tesouro”, na qual um dos herdeiros do autor se chama Arthur — tal qual Zico — e quer ser jogador de futebol; e “O Camisa 10 da Gávea”, homenagem ao maior ídolo rubro-negro composta por Ben Jor ainda no Maracanã depois que o Galinho de Quintino marcou quatro gols em um antológico Fla-Flu naquele mesmo 1976. “Seus reflexos lúcidos / Lançamentos, dribles desconcertantes / Chutes maliciosos / São como flashes eletrizantes”, derrete-se o autor.

A *Banda do Zé Pretinho* (1978) também traz uma trinca inspirada na arte das chuteiras: o irresistível sucesso “Cadê o Penalty?”, sobre a final do Campeonato Carioca de 1977, quando o Fla perdeu para o Vasco; “Troca troca”, sobre as mudanças nos times promovidas pelo presidente do Fluminense entre 1975 e 1977, Francisco Horta; e “Era uma vez 13 pontos”, uma referência indireta, já que conta a história de três amigos que ganharam na loteria esportiva.

Já 1983 deu passagem a um desabafo: “A loba comeu o canário”, do disco *Dádiva*, lamentava a derrota do Brasil e seu elenco dos sonhos para a Itália na Copa do Mundo de 1982, na Espanha. A Loba, simbolizando a seleção Azzurra, é uma referência ao mito da fundação de Roma. Conta-se que Amúlio destronou o irmão, Numitor, que reinava em Alba Longa, e condenou a filha dele, Reia Sílvia, a permanecer casta. Ela, porém, engravidou do deus Marte e, para proteger seus filhos gêmeos Rômulo e Remo, deixou-os no rio Tibre. A loba Luperca acolheu os meninos e os amamentou. Já adultos, eles devolveram o trono ao avô Numitor e fundaram uma cidade na margem direita do Tibre, exatamente onde haviam sido encontrados pela loba.

Naquele mesmo ano, Ben Jor registrou ainda, em um compacto lançado na Itália, uma homenagem ao craque Paulo Roberto Falcão, que jogou na Associazione Sportiva Roma entre 1980 e 1985. Cantada em italiano, “Falcão (L'Ottavo Re Di Roma)” faz referência a um apelido que o craque brasileiro ganhou durante sua brilhante passagem pelo time, o Oitavo Rei de Roma. Uma faixa menos conhecida, mas nem por isso menos interessante da obra do Alquimista da Música Brasileira. Ele só voltaria a mencionar o esporte em suas músicas seis anos mais tarde: em *Benjor* (1989), “Cowboy Jorge” fala sobre um misto de orixá, herói e artista — provavelmente ele próprio — que toca para muitas coisas, entre elas um gol de placa.

Em 23 (1993), Jorge gravou a divertida “Goleiro”, em que avisa: “Goleiro não pode falhar / Não pode ficar com fome / Na hora de jogar / Senão, um frango aqui, um frango ali / Um frango acolá”.

Reactivus amor est (Turba Philosophorum), de 2004, seu penúltimo álbum lançado, é o derradeiro trabalho do mestre a citar o futebol: ele inclui as faixas “Tupinambás”, com referência ao hit “Ponta de Lança Africano (Umbabarauma)” — “Joga bola, jogador / joga bola, jogador” —, e “O nome do rei é Pelé”, que enumera os feitos do maior atleta do século XX: “O nome do Rei é Pelé, o nome do Rei é Pelé / Pelé de todos os tempos / Incomparável Pelé, Pelé / Pelé da arte e da magia / Com a bola nos pés, Pelé”.

De lá para cá, o mestre lançou mais um álbum — *Recuerdos de Asuncion 443* (2007) — e nenhuma música que nos lembrasse de sua paixão pelo esporte bretão. Mas esse amor estava escrito nas estrelas e, em 1998, um comercial de uma famosa marca esportiva, trazendo a Seleção Brasileira de craques como Ronaldo Fenômeno, Romário, Roberto Carlos, Cafu e Denilson jogando futebol no aeroporto, tinha como trilha o primeiro e maior hit de Jorge Ben Jor, “Mas que nada” (na versão do Tamba Trio). Dirigido pelo chinês John Woo, o filme se tornou sucesso mundial, transformando a música em uma espécie de hino não oficial daquele time estelar.

A dobradinha entre o clássico e o Escrete Canarinho voltou a se repetir na Copa de 2006, quando a versão do Black Eyed Peas com Sergio Mendes foi usada em outra campanha da mesma grife. Mais uma vez, os jogadores da mais mítica das seleções de futebol eram associados a um dos mais inventivos nomes da música brasileira e mundial, lembrando a todos que o casamento entre Jorge Ben Jor e o futebol — graças a Deus — é coisa muito séria.

Kamille Viola é jornalista, pesquisadora musical e jorgebenóloga — título concedido pelo mítico crítico musical Tárík de Souza. Pesquisa a vida e obra de Jorge Ben Jor há vinte anos e é autora do livro *África Brasil: Um dia Jorge Ben voou para toda a gente ver* (Edições Sesc), indicado ao Prêmio Jabuti em 2021. Também está entre os autores de livros como *Dossiê Nora Ney: Uma Voz Poética e Política*, 100 anos (Garota FM Books) e *1985: O ano que repaginou a música brasileira* (Garota FM Books).



***A PARADA PARA
HIDRATAÇÃO É
TÃO IMPORTANTE
QUE QUEM DEVERIA
SERVIR GATORADE
NA BOQUINHA DA GARRAFA
DOS JOGADORES É O
PRESIDENTE DA BET.***

ANDRÉ SADI RIZEK, filósofo de futebol de playstation



"Vocês vão ver como é/ Didi, Garrincha e Pelé/ dando seu baile de bola (...)/ Quando a partida esquentar/ e Vavá de calcanhar/ entregar a pelota a Mané/ E Mané Garrincha a Didi/ Didi diz é por aqui/ aí vem o gol de Pelé. Gol!"

O estupendo "Frevo do bi" (Braz Marques/Diógenes Bezerra), mega sucesso da Copa do Mundo de 1962, vencida pela segunda vez pelo Brasil, no fraseado matreiro de Jackson do Pandeiro, é só uma das muitas tabelinhas entre futebol e música da história das duas faces da identidade nacional.

É fácil e prazeroso (embora árduo pelo excesso de oferta) fazer uma "futebolista", porque o entrosamento vem de longe. O pianista pioneiro Ernesto Nazareth, em 1919, homenageou o jogador Zezé (José Carlos Guimarães) do Fluminense tricampeão (de 1917 a 1919), com o tango (como ele denominava suas composições depois chamadas de choros) "Menino de ouro". O ilustre vascaíno Pixinguinha mandou "Um a zero", celebrando a vitória sobre o Uruguai, que deu ao Brasil o campeonato Sul Americano, de 1919. O ziguezagueante choro se tornou um megaclassico instrumental e desafiou a perícia do mineiro do Clube da Esquina Nelson Ângelo.

na foto: aldir blanc e paulinho da viola fonte: site do vasco da gama

FUTEBOL E MÚSICA BRASILEIRA

por: **TÁRIK DE SOUZA**



Ele conseguiu enfiar uma caneta poética no meio dos compassos e gravou a música com o notório boleiro Chico Buarque: "Mas, numa jogada genial/ aproveitando o lateral/ um cruzamento que veio de trás/ foi quando alguém chegou/ meteu a bola na gaveta/ e comemorou".

Na passagem, de trivela, Buarque que tem até estádio próprio, onde comanda o Polytheama, é autor do antológico "O futebol", que professa: "No contrapé/ para avançar na vaga geometria/ o corredor/ na paralela do impossível, minha nega/ no sentimento diagonal/ do homem-gol/ rasgando o chão/ e costurando a linha".

Inventor da bicicleta, artilheiro da Copa do Mundo de 1938, na França, com 7 gols (um deles descalço, por ter arreventado sua única chuteira), pioneiro ídolo preto apropriado pelo marketing (o chocolate Diamante Negro, da Lacta), o carioca Leônidas da Silva foi incensado pela dupla David Nasser e Marino Pinto. Em "Diamante negro" eles sapecaram: "Vou falar de um brasileiro/ que é o dono da pelota/ Leônidas nasceu e cedo deixou a escola/ porque seu claro caminho/ era o caminho da bola (...) /eu só queria fazer com a cabeça/ o que o Diamante negro faz com os pés".

Cracaço da linha de passe (não me venham com "altinho") entre futebol e música, o campista Wilson Batista acertou vários balaços. Como "E o juiz apitou", de 1942, (com Haroldo Lobo) pelo efêmero Vassourinha; "Regressei do futebol/ todo queimado de sol/ o Flamengo perdeu/ pro Botafogo/ amanhã vou trabalhar/ meu patrão é vascaíno/ e de mim vai zombar". Três anos depois, ele voltou a fustigar o rival, na voz de Linda Batista: "Vamos lá/ que hoje é de graça/ no boteco do José/ entra homem, entra menino/ entra velho, entra mulher/ é só dizer que é vascaíno".

E arrematou de primeira, em 1955, com uma ode ao time do coração, no "Samba rubro negro" (com Jorge de Castro) "Eu já rezei pra São Jorge/ pro Mengo ser campeão/ (...) Flamengo, Flamengo, tua glória é lutar/ quando o Mengo perde/ eu não quero almoçar/ eu não quero jantar". Com o cantor da gravação, Luis Wanderley, e o mesmo Jorge de Castro, Wilson ainda engatou um apelativo cha cha cha, em 1962, sobre as façanhas do "Rei Pelé", "que brilhou na Suécia/ fez sucesso no Uruguai/ Rei Pelé mora em Vila Belmiro/ Rei Pelé do Brasil não sai/ ô Rei Pelé/ vamos tomar café".

A rima infame serviu também para a modernosa "Comunicação" (Helio Matheus/ Edson Alencar), na voz de Elis Regina (1972): "Só tomava chá/ quase que forçado vou tomar café/ ligo o aparelho vejo o rei Pelé/ vamos então repetir o gol". Por falar em Pelé e Elis, a improvável dupla lançou um compacto simples, "Tabelinha", em 1969, com duas composições do jogador ("Perdão não tem", "Vexamão"), que também gravou com Sérgio Mendes. O lateral esquerdo rubro negro (e da seleção) Junior, antes da Copa frustrada de 1982, conseguiu emplacar o empolgado "Povo feliz (Voa canarinho, voa)" (Memeco/Nonô).



Por sua vez, o ritmo caribenho ainda virou canhestro trocadilho para outro super craque: "Garrincha cha cha cha" (Ruthnaldo), na voz do animador José Messias. Mas a refinada bossa também incensou o craque, no "Balançamba", de Menescal & Bôscoli, faixa título do songbook da dupla na voz de Lúcio Alves, em 1963: "Se você não sabe balançar/ pede pro Garrincha te ensinar". Empate também dá samba, ou melhor, rojão nordestino, como no "1 x 1" ("esse jogo não é um a um/ se meu clube perder é zum zum zum"), do compositor sindicalista pernambucano Edgar Ferreira, sucesso na voz de Jackson do Pandeiro, em 1954, replicado pelos roqueiros Paralamas. A letra citava combinações de cores dos clubes pernambucanos Santa Cruz, Náutico e Sport ("é encarnado e branco e preto/ é encarnado e branco/ é encarnado e preto"), mas também se adaptava a outras camisas Brasil a dentro.

Torcedor fanático do América carioca (hoje em declínio, presidido pelo jogador Romário, em homenagem ao pai, Edevair, que torcia pelo clube), o generoso Lamartine Babo compôs hinos para todos os clubes da antiga capital federal. E até mesmo para o modesto Canto do Rio, de Niterói, que sobrevive nas divisões de base, e teve o hino regravado recentemente pela dupla Dois Bicudos, formada pelos cantores e pesquisadores Alfredo del Penho e Pedro Paulo Malta. Uma palinha da letra: "No estádio formoso/ de Caio Martins/ há dias de festa, foguetes, clarins/ de noite e de dia/ a turma sorri/ enche de alegria Icaraí".

Ícone do samba canção da dor de cotovelo (bem antes da sofrência), o gaúcho Lupicínio Rodrigues compôs o hino no cinquentenário de seu clube, em 1953, após uma greve que deixou Porto Alegre sem transportes: "Até à pé nós iremos/ para o que der e vier/ mas o certo é que nós estaremos com o Grêmio, onde o Grêmio estiver/ cinquenta anos de glória/ tens imortal tricolor/ os feitos da tua história/ canta o Rio Grande com amor".

Já o paraense Biilly Blanco, formado na prancheta, arquitetou uma homenagem ao coringão Corinthians paulista, também em data comemorativa, na voz de Jamelão, em 1955. Para quem não sabe, Mosqueteiro é o mascote do clube, emponderado na letra: "Peço ao Palmeiras que explique à Portuguesa/ São Paulo e Juventus compreenderão com certeza/ Corinthians era difícil de rimar/ então soltei o Mosqueteiro no gramado pra ser chamado/ Corinthians do centenário, Bi-campeão".



Os pós-tropicalistas, que lançaram disco com o título de “Novos Baianos F. C.”, boleiros titulares de um campinho próprio num sítio em Jacarepaguá, entoaram, em 1977, a exaltação ao Bahia – o Baêa – em “Campeão dos campeões” (Raquel/ Zé Pretinho da Bahia/ B. Silva): “Time de raça e tradições, Bahia, campeão dos campeões/ o nosso time está numa nova arrancada/ este ano não tem zebra, não tem nada/ Bahia é o clube do povo/ domingo estarei aqui de novo”. Mas Moraes Moreira, pilar do grupo (e bom de bola), era torcedor fanático de um time carioca, o Flamengo, para o qual compôs várias músicas. Entre elas, a que lamenta a partida do ídolo para a Europa, “Saudades do Galinho”: “E agora, como é que eu fico/ nas tardes de domingo sem Zico no Maracanã?/ agora como é que eu me vingo/ de toda derrota da vida/ se a cada gol do Flamengo/ eu me sentia um vencedor”. Estilista da redonda, que chegou a jogar nas divisões de base de seu idolatrado Flamengo (“sou Flamengo e tenho uma nega chamada Teresa”), o carioquíssimo Jorge Ben também celebrou “O camisa dez da Gávea” (“e cada gol, cada toque, cada jogada/é um deleite para os apaixonados do esporte bretão/ Zico!”).

Mas entre as obras primas que ele perpetrou na tabelinha futebol-música (e vice versa), uma delas, deu zebra. “Fio Maravilha” (“nós gostamos de você/ faz mais um pra gente ver”) que barbarizou, vencendo o Festival da Canção de 1972, na voz tonitroante de Maria Alcina, por incrível que pareça virou processo do homenageado contra o homenageador. O jogador do Flamengo João Batista de Sales, o Fio, que marcou um histórico gol contra o luso Benfica, em 1972, inspirador da música (“tabelou, driblou dois zagueiros/ deu um toque, driblou o goleiro/ só não entrou com bola e tudo/ porque teve humildade em gol”), considerou “uso indevido de seu nome”.

Em represália Ben passou a cantar “Filho maravilha”, mas depois o jogador pediu desculpas e se reconciliaram. Tudo certo com as prescrições para um anônimo “Zagueiro” (“tem que ser malandro/quando tiver perigo com a bola no chão/ pensar rápido e rasteiro/ ou sai jogando ou joga a bola pro mato/ pois o jogo é de campeonato”).

Mas nada supera em potência musico-boleira a arrancada do “Ponta de lança africano (Umbabaraúma)”, lançado em seu emblemático álbum “África Brasil”, de 1976. Olho no lance: “Pula pula, cai, levanta, sobe desce/ Corre, chuta, abre espaço, vibra e agradece/ Olha que a cidade toda ficou vazia/ Nessa tarde bonita só pra te ver jogar Umbabarauma, homem gol”. Mesmo sem traquejo para o esporte, o monumental Milton Nascimento bateu sua bolinha de resposta, assinando a trilha do documentário “Tostão, a fera de ouro”, de Ricardo Gomes Leite e Paulo Laender, de 1970, sobre o sutil craque mineiro.

No compacto duplo com esse registro raro, se destaca a parceria com Fernando Brant, “O país do futebol”. Decupa a letra: “No fundo deste país/ ao longo das avenidas/ nos campos de terra e grama/ Brasil só é futebol/ nesses 90 minutos de emoção e alegria/ esqueço a casa e o trabalho/ a vida fica lá fora/ (...) a cama fica lá fora/ a fome fica lá fora/ a conta fica lá fora/ a briga fica lá fora/ o tempo fica lá fora”. Tem bossa nova no futebol? Tem, no hino “Sou tri campeão”, de Marcos e Paulo Sérgio Valle, nas vozes dos Golden Boys, com direito a dissonâncias, celebrando a façanha de 1970: “Nosso grito de gol é ouvido/ pelo chão, pelo ar/ Agora só tenho a Copa em minha mente/ só vejo o escrete em minha frente/ torci, sofri, mas afinal, ganhei do mundo”.



Sequestrada pela ditadura militar, que a transformou em peça de propaganda, a marchinha "Pra frente Brasil", do inacreditável Miguel Gustavo (não sabia uma nota de música, compunha batucando numa caixa de fósforos) prenunciou o tóxico verdeamarelismo, que viria depois: "Noventa milhões em ação/ pra frente Brasil/ do meu coração (...) / de repente é aquela corrente pra frente/ parece que todo o Brasil deu a mão/ todos ligados na mesma emoção/ tudo é um só coração". Também catalisou energia negativa, a bem intencionada homenagem do bossanovista Sérgio Ricardo a Garrincha, no fatídico samba "Beto, bom de bola" ("é, é, é ou não é?/ até parece o Mané/ e foi-se a Copa e foi-se a glória/ e a nação se esqueceu/ do maior craque da

história"), apresentada no Festival da TV Record, de 1967, debaixo de implacável vaia. Irritado, o compositor quebrou o violão e atirou na plateia. O que ensejou a folclórica (ou imaginária) manchete de jornal sensacionalista: "Violada no auditório!"

Dos mais contemporâneos, o santista internacional Neymar, de carreira tumultuada por contusões e estrelices, teria que ter outra trilha sonora, obviamente

Na sua volta ao mitológico alvinegro Santos F.C. (clube que também revelou de Pagão e Pelé a Robinho e Rodrygo), Neymar foi recebido por Projota (José Tiago Sabino, de Lauzane Paulista, na zona norte da cidade) com o rap farpado "Muleque de Vila"; "Se o diabo amassa o pão, você morre ou você come?/ eu não morri nem comi, eu fiz amizade com a fome/ vai, vai lá, não tenha medo do pior/ eu sei que tudo vai mudar/ você vai transformar o mundo ao seu redor/ mas não vacila, muleque de Vila". Especializado no estilo "rap geek", calcado em personagens, o gaúcho Fernando Donde Alves, conhecido como Player Tautz, botou pra f no "Rap do Neymar" (com Kanhanga):



"É simples criticar e apontar minhas falhas/ mas eu não me importo com o que a imprensa fala/ carrego nos meus ombros minhas marcas de batalha/ não vão tirar o meu lugar/ não se apaga uma estrela que foi feita pra brilhar/ (...) meu legado criou asas e pra sempre irá voar/ sorria e jogue feliz/ tô tão pouco me lixando com tudo que a imprensa diz/ minha resposta é no campo/ driblando, fazendo gols/



BRASIL É BICAMPEÃO DO MUNDO



A VACA BRANCA — O Sr. João, jogador, ao receber o troféu do BICAMPEONATO DO MUNDO. O Sr. João, jogador, ao receber o troféu do BICAMPEONATO DO MUNDO. O Sr. João, jogador, ao receber o troféu do BICAMPEONATO DO MUNDO.

MARC, NUNO PINT

SPORTS
EXTRA



COM O NOME VAGABUNDO — Com o nome VAGABUNDO, o jogador brasileiro, ao receber o troféu do BICAMPEONATO DO MUNDO. O Sr. João, jogador, ao receber o troféu do BICAMPEONATO DO MUNDO.



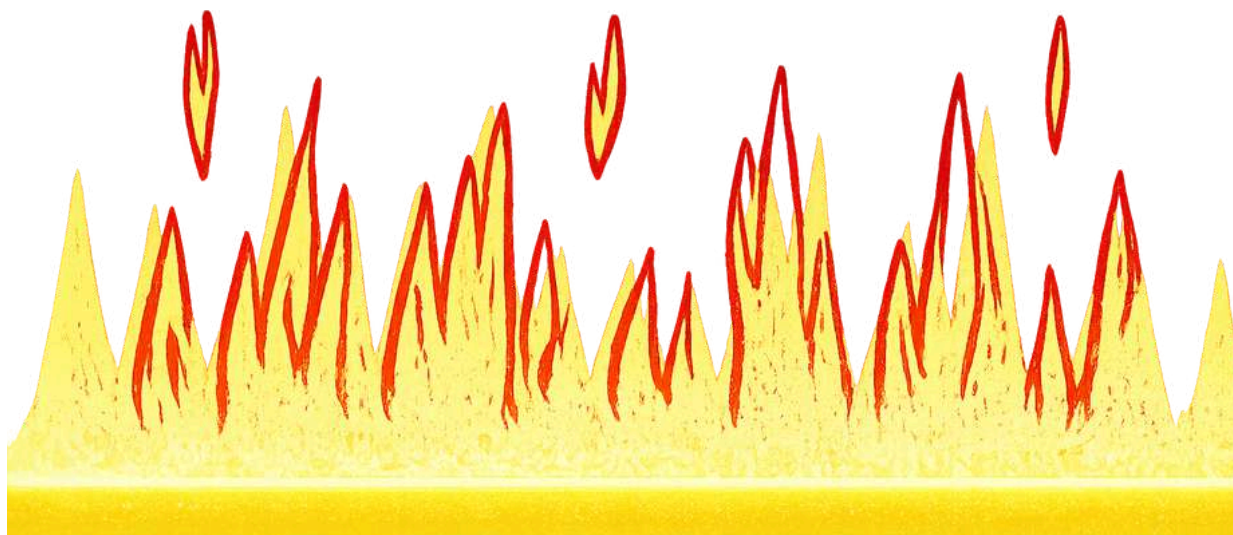
**Apoelética
Recepção Aos
Bicampeões**

**Delegação
Refomará
Via Brasília**

ATA TOCANA — Por via rita, o jogo foi jogado no campo de futebol. Por via rita, o jogo foi jogado no campo de futebol. Por via rita, o jogo foi jogado no campo de futebol.

quando eu crescer eu quero reencarnar menino ney

TIAGUINHO LEIFERT XAVIER
sapatenista de salão e boleiro de centro espírita





UMA PARTIDA SEM

APITO FINAL

A jornalista, escritora e militante política Maria Regina Pilla morreu no último dia 12, pouco menos de três meses antes de completar 80 anos. Autora do ótimo livro *Volto Semana Que Vem*, Maria Regina também foi personagem central de um episódio envolvendo o Brasil e a Argentina às vésperas de uma Copa do Mundo.

Em 1975, ela e seu então companheiro, Paulo Antonio Paranaguá, foram detidos pelo exército argentino. Desesperado, o pai de Paulo, o diplomata Paulo Henrique Paranaguá, então embaixador brasileiro no Kuwait, começou a buscar uma solução para saber do paradeiro e libertar o filho e a nora. Paulo Henrique era um homem de conexões e fez tentativas através de empresários brasileiros e argentinos, do cardeal dom Eugênio Salles, do general brasileiro Danilo Venturini e até do senador americano Ted Kennedy.

Nada. A situação só foi se alterar quando o avô materno de Paulo, Antonio Leite, falou com João Havelange. O presidente da Fifa então ligou para o general Videla e pediu pela libertação de Paulo e de Maria Regina.

Em meio a protestos de jogadores e de países europeus que defendiam que a Copa não fosse realizada em um país governado por uma ditadura militar, Videla estava na corda-bamba e viu no episódio uma oportunidade para forçar uma aliança e, principalmente, um compromisso. "Eles sairão da Argentina, mas em troca queremos que a Fifa confirme a Argentina como país-sede", exigiu Videla. "Tens a minha palavra", garantiu Havelange.

por: MÁRCIO PINHEIRO

ARGENTINA 78

FIGURINHAS

RDO



CAMPEONATO MUNDIAL

No dia seguinte, um novo telefonema de Videla pôs fim ao sequestro de Paulo e Maria Regina. "Eles estão livres e já embarcaram para a França".

A memória de Maria Regina e esse episódio que antecedeu a mais sinistra e misteriosa de todas as copas serve como pretexto para a indicação de três livros. O primeiro e mais óbvio é a única obra deixada por ela. **Volto Semana que Vem** teve sua primeira edição lançada em 2015 pela extinta editora CosacNaify. Mais recentemente, em 2022, o livro foi reeditado pela editora Ama Livros.

O título faz referência à frase que Maria Regina disse a seu pai em 1970, quando ela explicou a ele que estava saindo de casa. A semana durou dez anos. Nesse período, Maria Regina teve uma intensa militância no Brasil e na Argentina.

Sem uma trilha cronológica clara, o livro surpreende ao ser montado a partir de recortes da memória, com pequenos trechos que fazem referências a datas e acontecimentos – dos mais prosaicos, como os passeios de bonde e os dias vividos no bairro Partenon, em Porto Alegre, aos mais destacados, como a lembrança que a menina tinha do suicídio de Getúlio Vargas, curiosamente ocorrido no dia em que ela completava oito anos de idade.

Ligada à esquerda (ela integrou a dissidência do PCB que levou à fundação do Partido Operário Comunista e, mais adiante, atuou no Partido Revolucionário de los Trabajadores, na Argentina) e envolvida com o combate à ditadura, Maria Regina viveu a prisão (principalmente nos presídios de Olmos e Villa Devoto, em Buenos Aires), a tortura e o exílio. Da Argentina foi para a França e de lá não saiu nem com a volta dos anistiados ao Brasil. Permaneceu em Paris até 1992.

Os outros dois livros são mais específicos e tratam de maneira detalhada a primeira copa conquistada pelos argentinos, em seu próprio país.

O primeiro é **Fuimos Campeones – La Dictadura, el Mundial 78 y el Misterio del 6 a 0 a Perú**, do jornalista Ricardo Gotta, que recorda como a seleção argentina derrotou a seleção peruana por 6 a 0, eliminando o Brasil. Gotta sustenta que a façanha transcende as quatro linhas do gramado e que foi resultado de uma combinação que inclui pressão dos militares e suborno a dirigentes, governantes e jogadores. Uma das provas de Gotta reside em uma ligação do presidente do Peru, general Francisco Morales Bermúdez, ao capitão da equipe peruana, Héctor Chumpitaz. Outra seria a insólita visita do general Videla, com o ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, ao vestiário do Peru minutos antes da partida.

O outro livro, de onde foi tirada a informação acima sobre Maria Regina e Paulo Paranaguá, é **La Verguenza de Todos – El Dedo en la Llaga de Mundial 78**, de Pablo Llonto. O autor, jornalista e advogado militante de causas políticas contra os abusos da ditadura argentina, publicou seu livro pela Editora Madres de la Plaza de Mayo e recupera quase que minuto a minuto todos os detalhes daquela Copa, em especial também o polêmico jogo contra o Peru.

Argentina X Peru foi – e continua sendo – a mais longa de todas as partidas de uma Copa do Mundo. Um jogo que nunca vai acabar.

Márcio Pinheiro é gaúcho e colorado desde sempre. (infelizmente) É jornalista profissional desde 1989. Já escreveu livros, roteiros e se divide entre a música e a palavra há anos. Vive do ofício de escrever e se inspira sempre no ensinamento do conterrâneo Mário Quintana: "Se disserem que escreves bem, desconfia. O crime perfeito não deixa vestígios". Acabou de lançar seu novo livro: *Um Homem Chamado Opinião*, uma biografia de Fernando Gasparian.

FERRAGENS
PRONTAS

ESTRIBOS
SAPATAS
COLUMNAS
VIGAS
LAJES

rebeca carapiá

Em fevereiro de 2024 passei um domingo em Salvador filmando com a artista Rebeca Carapiá. Um mês antes, tive uma longa conversa com ela por telefone, quando imediatamente fui convertido num carapianista militante. Não que ela tenha tentado me converter em alguma coisa, nada disto. É porque Rebeca é papo reto, é comunicação direta sem boi na linha. As interrupções, as linhas retorcidas e curvas, os nós, ela coloca em suas esculturas, e muitas delas lembram alfabetos de civilizações extintas. De lá pra cá, ela teve tempo de fazer uma instalação com 20 peças gigantescas em Inhotim, participar da 36ª Bienal de São Paulo e de fazer uma residência na Cité internationale des Arts em Paris. A moça é porreta!

Fabiano Maciel



FM: O que é a Feira do Rolo?

RC: É um lugar que tem de tudo: sapato que custa 50 centavos, calça, roupa, disco, dvd, celular. Eu passei a minha vida inteira aqui e fui me construindo dentro dessa vida, de ser sujeito da cidade baixa...na infância, a gente vinha aqui, eu e meu irmão, e recolhia o que sobrava: brinquedos quebrados, pedaços de fio, motores de geladeira, coisas assim, a gente levava essas coisas para casa...às vezes revendia. O meu primeiro computador montei ali na feira do rolo, pegando as peças separadas. Acho que esse espaço aqui convida a pensar esse lugar de afundamento e flutuação ao mesmo tempo. Como a gente cria respiros de sobrevivência para lidar com o caos ao redor. Hoje eu venho aqui os domingos para procurar um pouco dessas linhas, pra procurar essa geografia. Eu preciso voltar sempre nesse lugar, porque os meus estão aqui e eu estou aqui. A Feira do Rolo me apresentou meu primeiro livro. Eu lia muitos livros espíritas, porque eram os que estavam disponíveis. Sabe, Zibia Gasparetto? Um negócio assim. Eu fui virando uma criança densa, porque aquelas histórias são muito intensas, pesadas e tal. Mas eu tinha um interesse pelo que sobrava. Mas isso também me fez entender que o meu trabalho não seria com coisas catadas. Não seria só com coisas que eu encontro na rua. O meu trabalho é feito do zero, do começo.

FM: Seus pais moram aqui ainda?

RC: Aqui é a casa da minha mãe e neste espaço era a oficina do meu pai, que é serralheiro. Eu tinha uma relação muito difícil com a oficina. Porque o meu quarto era aqui do lado e aqui tinha muito barulho sempre. Então pra estudar, receber pessoas, enfim, fazer qualquer coisa aqui nesse espaço era impossível. E foi aí que eu comecei a construir um texto, uma perspectiva, um pensamento para viver isso. Então toda vez que o meu pai saía para fazer algum serviço fora, eu mexia nas máquinas. O intervalo do trabalho do meu pai era o meu espaço de ateliê. Então apesar de meu pai ser serralheiro a vida inteira, eu tinha uma relação com o ferro difícil, porque o ferro parecia que ele estava no meu caminho me atravessando, construindo um espaço impossível para mim.

FM: Que idade você tinha quando isso aconteceu?

RC: Ah, isso aí eu tinha 26, 27 anos. Já era adulta, eu trabalhava no restaurante, trabalhava como cozinheira. Desde os 12 anos eu trabalho. Minha mãe foi florista muitos anos, a gente trabalhou na rua, eu e Jack meu irmão. Meu irmão que cuidou de mim, 8 anos mais velho que eu... Meu irmão que me levava para escola, que brincava comigo...





FM: Qual é a história do Barco feito pra afundar?

RC: Eu escrevi uma dissertação de mestrado sobre esse Barco feito para afundar, porque ele inundou tantas coisas, assim, e vem inundando tantas coisas... Essa história, ela construiu um espaço imaginário para mim, desse aprendizado que eu estou falando com a minha mãe, com a minha família, que me faz relacionar com as coisas que eu estou envolvida, né? Eu e meu irmão a gente construía pequenos barcos de metal para colocar na enchente, quando a casa enchia. Então isso aqui enchia muito e continua enchendo, semana passada mesmo, encheu. E a gente ficava fazendo esses barcos, catava pilhas velhas, colocava no congelador para carregar pequenos motores, fazia hélices com as coisas que a gente achava quebradas e redesenhava, né? Quando a casa enchia, a gente colocava esse barco para navegar e ele sempre afundava. Então tinha sempre a frustração. Sabe o que minha mãe falava? Ah, a casa vai encher de novo, vocês vão fazer outro barco e ele não vai afundar. Hoje meu planejamento é tirar o barco da casa alagada. Eu venho construindo as retiradas dos barcos da casa alagada.

Então a gente vai construindo espaços lúdicos também, de abstração, de ficção. Eu não aprendi sobre abstração na universidade. Não aprendi com os intelectuais. Eu aprendi sobre abstração com minha mãe. Aprendi que se a água entra na casa, se você tem um metro e meio de água entrando dentro de casa, a gente vai pegar tudo que tem na geladeira, vai subir a escada, vai fazer um churrasco e vai chamar todo mundo que está sem casa. Vai ligar o som e vai esperar a água descer.

Então isso para mim é liberação cognitiva, é ficção, é intelectualidade, é estratégia. E depois eu pego esse conhecimento incorporado aqui, traduzido, entregue a mim pela minha família, por esse lugar e vou construir outros pensamentos. Vou compreender o que são atos visuais, o que é academia, o que são os pensamentos intelectuais.

Esse espaço é o espaço que me constitui como artista, como sapatão de rua. Esse é meu corpo e eu quero entregar esse corpo junto com esse trabalho. Eu entrego também o movimento do meu corpo, entrego a minha personalidade, entrego a minha história, entrego tudo que me formou como pessoa...

FM: Como é ser uma mulher sapatão de rua?

RC: Eu sou uma mulher sapatão de qualquer jeito. Se eu virar esquina, eu sou uma mulher sapatão. Não preciso dizer que eu sou sapatão, porque eu performo um sapatão. A gente estava ali na Feira do Rolo, por exemplo, e veio uma figura e falou: você é das minhas, você é do vale, você é sapatão. Então, como é que eu vou pensar esse corpo sapatão periférico dentro de tudo que a gente conhece e entende como periferia de maneira literal? Como seria isso? Acho que a abstração ela abre um lugar para mim, não é de abstrair no sentido de dissolver essa figura, é no sentido de ampliá-la. Eu quero ampliar esse corpo sapatão, entender a diversidade...A diversidade não é nenhuma boa palavra nesse sentido, mas pensar a multiplicidade de femininos, entende? De femininos, de mulheres, de não mulheres.

Então, acho que a abstração é o meu processo de liberação cognitiva. Quando eu olho para essa comunidade, quando eu olho para a minha existência dentro dessa comunidade e eu tento falar sobre esse corpo dissidente, sobre esse corpo sapatão, sobre esse corpo que anda, que fala, que imagina as coisas e aí que gesticula, que compõe uma linguagem dita, vista, revista como marginal. E nesse exercício imagina, compõe artes visuais, compõe escultura, escreve a linguagem, abre espaço para falar sobre coisas que não existem, para dizer ousadamente que estou criando uma língua e que é um problema seu tentar entender, porque eu não tenho interesse de explicar.

FM: Como lidar com essa dissidência? Com o rompimento de todas as normas?

RC: Eu acho que o campo das artes visuais me convida a isso e a abstração me permite essa liberdade de lidar com a digestão dessas coisas todas que estou dizendo aqui e colocar ela no meu imaginário. No meu imaginário de mulher, sapato, periférica, da Cidade Baixa de Salvador, já que os marcadores me foram entregues, eu quero fazer bom uso deles.

FM: -E negra

RC: E negra também. Rs...Rs

Mas pegando isso que você falou, o que você estava falando, eu estava pensando na palavra, né?

No esvaziamento da palavra. O que eu faço com a palavra? Porque a palavra não vai dar conta de explicar a minha existência, a complexidade dessa existência, os desejos dessa existência. O modo como ela quer se posicionar no mundo. Se eu não consigo explicar isso com a palavra, como eu consigo fazer isso? Como eu consigo existir sem dar essa resposta que todo mundo quer? Todo mundo quer uma resposta, né?



FM:FM: Li uma frase em um de seus trabalhos: Cruzamento de Temporalidade. Artistas plásticos adoram a palavra Temporalidade.

RC: É inevitável no sentido de que a gente está sempre no futuro. Quando o trabalho chega na exposição, para mim, ele já aconteceu, faz bastante tempo. É mais uma apresentação, um processo de celebração dessa escultura pronta. Então, acho que pensar temporalidade é sempre uma coisa muito próxima, no sentido de que a gente está vivendo tempos diferentes para a apreciação estética, por exemplo, da obra e a feitura dela. E no meu processo, a feitura da obra é a obra. No meu processo, estar em contato com o ferro, que é essa materialidade, se relacionar com ele, fazer todos os exercícios que eu faço, de escuta, de barulho, de fuligem, de fogo, tudo isso é a escultura. O objeto final está impregnado desse exercício de força, da maresia que está aqui na praia, das pessoas que visitam o ateliê. E eu vou entender o que a escultura é esse fio condutor que está se relacionando com todos esses tempos.

É por isso que o discurso é vazio, porque a gente muda, a gente não consegue dar conta para essas afirmações todas, a gente não consegue dar conta dessa resposta toda, a gente não consegue estabelecer uma relação linear, política, porque você muda, porque as coisas acontecem, porque as experiências são outras, porque a gente fica cansado, exausto, porque pensar representatividade, porque pensar pontos de partidas que são limitadores por si só, eu não consigo vê-los adiante, entende? A clareza do meu discurso, ela diz respeito ao meu exercício o tempo todo de pensar sobre a diferença e não sobre a resposta. Então eu estou tentando fazer coisas que se modelem aonde eu estou movimentando, tipo assim, eu posso aqui elencar a Feira do Rolo. A Feira do Rolo é real, eu sou real, eu sou uma mulher com todas as coisas que eu já falei, que veio da periferia, mas que acessa a intelectualidade.

FM: Como você vira a chave Feira do Rolo, intelectualidade?

RC:Eu costumo dizer que eu fui gentrificada pela arte contemporânea...Eu brinco que ao mesmo tempo que eu sou a Rebecca CBX, a da Quebrada, a Motoqueira da Quebrada, a sapatão do ferro. Eu sou tantas pessoas! Eu posso me relacionar com essas tantas pessoas de tantas maneiras, e isso me interessa muito, sabe?

FM: E como escapar da armadilha da estética de periferia?

RC:Eu acho que identidade é diferente de insalubridade. São coisas completamente diferentes. A cultura da periferia é uma cultura que se relaciona com a sua construção cultural, seu modo de comer, o modo de falar, o modo de reunir as pessoas, o modo de dançar. E a insalubridade é outra coisa, essa é a estrutural. Então, eu acho que são coisas diferentes quando você fala vamos defender o gueto, vamos defender a periferia. A gente está falando de identidade cultural, de existência, de comunidade, de coletividade, de respeito, de ancestralidade. E coisas que são muito caras para sobrevivência desse grupo periférico, que resiste e existe na coletividade.

Se a gente pensar, por exemplo, a modernidade, ela só fala de individualidade. A minha casa, a minha coisa, o meu apartamento... Eu estou dando aqui um exemplo superficial para a gente pensar como é a identidade da periferia, de como a gente deseja viver e se comportar. De se divertir, botar o som na porta de casa, fazer churrasco, falar com todo mundo...Agora, a insalubridade diz respeito a falta de estrutura para sobreviver, a gente falou mais cedo sobre racismo ambiental, e pensar, por exemplo, nesse lugar aqui, sofrendo com os alagamentos, com doenças, com a perda das coisas, pessoas recomeçando a sua vida o tempo todo, todo ano você precisa recomeçar a vida. Que cansaço, todo ano você precisa de um sofá novo, ou talvez uma geladeira nova e todo ano uma questão estrutural abala as coisas que você está planejando. Eu acho que é importante não romantizar a favela. A favela não pode ser romântica. Quando eu te mostro a Feira do Rolo, a minha casa, minha mãe, o quarto que eu morei, isto diz respeito ao meu desejo de contar a minha história para os meus. Porque este lugar faz parte da minha pesquisa, ele está inscrito nas minhas esculturas e ele me revela como pessoa. Não é só para dizer que eu vim daqui.



Rebeca Carapiá (Salvador, 1988) aparece assim no site da Bienal de SP: é artista e pesquisadora interessada nas relações entre linguagem, encontro, conflito, geografia e suas narrativas. Sua pesquisa, desenvolvida em diversas plataformas, aborda memória, racismo ambiental, economias da precariedade, tecnologias ancestrais e dissidências. Trabalha a escrita cotidiana como prática de criação e teve texto incluído no livro *Textes à lire à voix haute* (Brook, Paris, 2022), além de publicar o livro de artista *Dois meses de permanência* (Residência Ybytu, São Paulo, 2023). Participou de exposições no Museu de Arte Moderna de São Paulo, Pinacoteca de São Paulo, Instituto Inhotim (Brumadinho), Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador), Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro) e Lunds Konsthall (Lund).

FM: O seu barco não afunda mais?

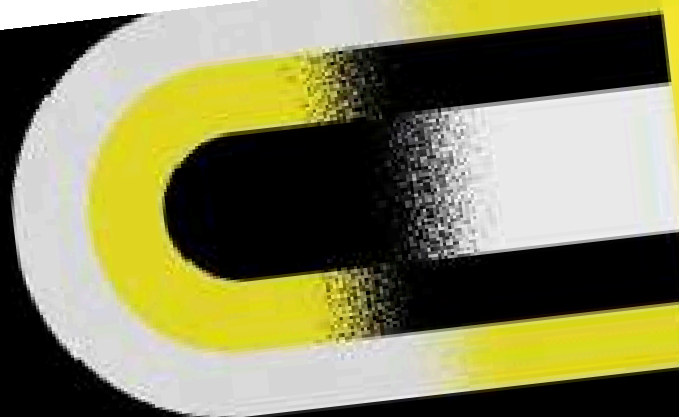
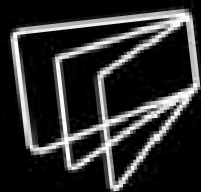
RC: Minha mãe me ensinou a construir abstração em sonhos e desejos fora do trauma. Me ensinou que é importante entender onde você tá, entender que as coisas são difíceis, mas também como você sai delas. Meu desejo é sair da violência, meu desejo é sair do trauma. E ainda que isso talvez seja um exercício impossível... eu tô trabalhando para dissolver, para digerir porque eu mereço. Eu mereço, a minha mãe merece, a gente merece celebrar, a gente merece um estado de celebração.

FM: Você falou da Zíbia, você tem alguma relação com o candomblé?

RC: Ogum na minha vida é a minha sustentação. Ogum me dá força pra erguer meu corpo. Mas eu não costumo fazer esta associação Ogum-Ferro porque não quero que o meu trabalho seja localizado num lugar que não desejo. Eu tô discutindo coisas políticas muito sérias e eu preciso que isso seja visto. Porque o meu trabalho é um convite político, para compreender o que significa a diferença de classe, de raça e de gênero nessa sociedade. E é pra isso que a gente tem que olhar. Quando as pessoas começam a mistificar isso, porque muitas pessoas entendem ancestralidade, espiritualidade, como misticismo, isso entra num lugar complexo. Então assim, ninguém pergunta se uma pessoa é católica, quando ela faz um trabalho artístico, se tem Jesus ali no negócio dela. Mas com artista negro... Então assim, eu não fujo do fato de que OGUM é meu pai, e que eu me relaciono com a energia de OGUM pra executar o meu trabalho. Porque OGUM me oferece essa força, e ele se relaciona comigo e eu sou muito grata. Mas OGUM também me dá discernimento pra dizer que ele não é monotemático, que a energia dele é muito maior do que isso, e que ele tem um monte de filhos pra dar conta, eu sou só uma delas.

fotos: reynaldo zangrandi e divulgação rebeca carapiá





Já estão no ar exibição e votação online!



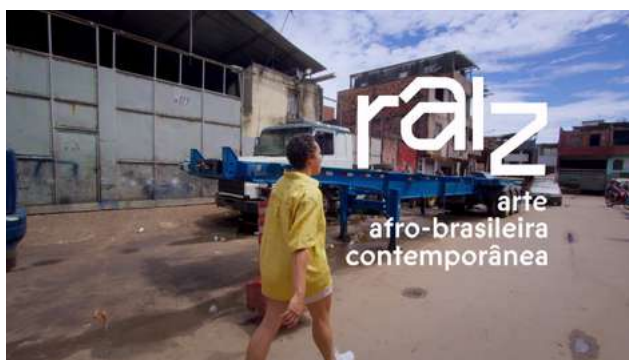
De **01 a 30 de junho**, o CURTA! Festival
exibe mais de 160 filmes e séries gratuitos
para você **assistir e votar**.

Participe e ajude a definir os grandes
vencedores de 2026!



ASSISTA O EPISÓDIO DE REBECA CARAPIÁ DA SÉRIE RAIZ: ARTE AFROBRASILEIRA CONTEMPORÂNEA NO CANAL CURTA.

APROVEITE E VOTE, ESTAMOS NA DISPUTA DE MELHOR SÉRIE DE 2026, na categoria PRODUÇÕES ORIGINAIS CANAL CURTA! PARA ASSISTIR E VOTAR ACESSE O LINK:



https://curtafestival.com.br/series/raiz_arte-afro-brasileira-contempor%C3%A2nea

Para votar, não tem mistério:

- 1 Acesse o site oficial: curtafestival.com.br
 - 2 Faça o login com email e senha.
 - 3 Assista às obras disponíveis na plataforma.
 - 4 Dê sua nota: você pode avaliar cada filme uma única vez, escolhendo de 1 a 5 estrelas! ★★★★★
- 📅 17 July Marque no calendário: a votação popular encerra em 30/06.

o maracanã do **OSCAR**

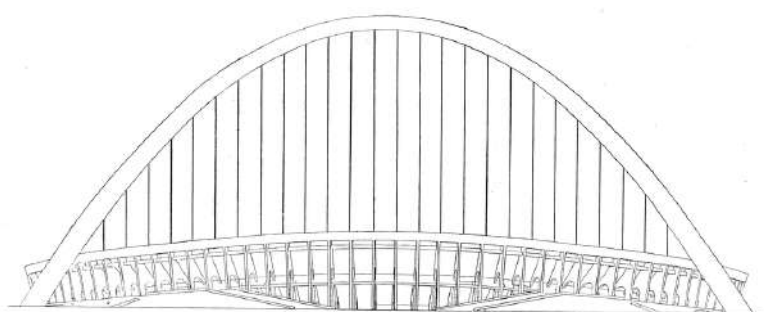
e as batalhas
pelo maracanã

por **DANILO MATOSO**

É tempo de Copa do Mundo, e um espírito ronda os fãs do futebol, o espectro da disputa. Enquanto os jogadores correm atrás da bola em estádios na América do Norte, outras competições vão tomando as ruas. Pais revivendo a infância trocam figurinhas e batem bafo em nome de seus filhos, na ânsia de completar seu álbum antes do fim do torneio — ou antes do vizinho. Quem raramente acompanha o esporte se diverte em dar palpites estapafúrdios sobre a performance das equipes, só para confrontar os que respiram futebol e sabem de cor a escalação de várias seleções. Os amadores também disputam e vencem os bolões da família e da firma. Velhas e novas estatísticas de conquistas e fracassos, artilharia e defesa, o maior e o menor. Vale tudo para superar o adversário, quem quer que ele seja. A história dos estádios de futebol não é diferente. E também a trajetória do Maracanã, o nosso Estádio Nacional, foi marcada por competições, corridas, vitórias e derrotas.

Questão de tamanho

O período entreguerras viu as disputas nacionais e políticas serem levadas a todos os campos, e a Arquitetura e a Engenharia não eram exceções. Em Nova York, os arranha-céus Chrysler e Empire State competiam em altura. No Brasil, o edifício A Noite no Rio de Janeiro e o Martinelli em São Paulo também travavam disputa cabeça a cabeça. Se os esportes de massa se transformavam cada vez mais em fenômenos sociais inescapáveis, a competição pelos títulos de maiores e melhores estádios também estava na ordem do dia.



O pontapé inicial da partida foi dado em 1923 quando da inauguração do Empire Stadium de Wembley, Inglaterra, um campo de futebol com capacidade para 125 mil espectadores (30 mil sentados), projetado por John Simpson e Maxwell Ayrton. Em 1930, realizou-se em Montevideu a primeira Copa do Mundo de Futebol, no gigantesco estádio Centenario, projetado por Juan Antonio Scasso para 100 mil espectadores e inaugurado com certo atraso, já durante a competição. Em 1934, o evento seria sediado no Stadio Nazionale de Roma — projetado em 1911 por Marcello Piacentini — e ampliado para 47 mil lugares em 1927, quando fora rebatizado como Stadio del Partito Nazionale Fascista, com seu arquiteto em lugar de prestígio no regime. Em 1936, o regime nazista inaugurava em Berlim o Olympiastadion, com 100 mil lugares e desenho de Werner March. A Copa de 1938 teria sua principal sede no Stade Olympique de Colombes, em Paris, projetado por Louis Faure-Dujarric para os Jogos Olímpicos de 1924 e ampliado para cerca de 64 mil lugares. Com o início da Segunda Guerra, a disputa seria adiada.

No Brasil, o futebol ganhava cada vez mais adeptos, profissionalizando-se em 1933, e os estádios já abrigavam as disputas nas principais cidades. No Rio de Janeiro, o Estádio das Laranjeiras do Fluminense, com desenho de Hypolito Pujol e capacidade para 18 mil pessoas, fora inaugurado em 1919. Em 1927, a colônia portuguesa erguia o São Januário, projetado em estilo neocolonial para o Vasco da Gama por Ricardo Severo, com 30 mil lugares. Era o maior da América do Sul até a construção do Centenario de Montevideu. Já o Flamengo só teria seu estádio na Gávea em 1938, com apenas 8 mil lugares num bloco de arquibancadas projetado pelo italiano Alessandro Baldassini.

na página anterior: Oscar Niemeyer, Estádio Nacional, 1941 — Maquete, vista geral. Ao lado um desenho da elevação.

Disputa política, disputa entre arquitetos

O Maracanã não nasceu ligado a nenhum clube, mas sim ao campus da Universidade do Brasil. No desenho institucional da época, as políticas de esportes eram disputadas entre as pastas federais. O Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP) participava dessa disputa, incluindo as instalações esportivas no âmbito de um campus universitário. Para a ala conservadora do Estado Novo, o nome natural para elaborar o projeto era o de Piacentini, que, além do estádio, era “responsável pelo classicismo despojado do campus da Universidade de Roma” — nas palavras de Carlos Eduardo Comas, autor do artigo “Niemeyer e o Maracanã 1936–2011”, de onde extraímos a maior parte das informações históricas deste texto.

O arquiteto estrangeiro foi contratado como consultor em 1935, para escolher o terreno da instituição. Lucio Costa tentou em vão demover o gabinete de Capanema da ideia de um campus historicista, convocando outro estrangeiro, o suíço Le Corbusier, para oferecer uma alternativa purista, além de elaborar ele mesmo uma proposta de feição similar — com uma equipe que incluía Oscar Niemeyer.

Costa propôs a implantação do campus no Prado Maracanã, onde ficava o hipódromo desativado do Derby Club, que ladeava a Quinta da Boa Vista. Embora o Ministério acatasse o local, o italiano acabaria sendo contratado, concluindo seu projeto em 1938 — elaborado com Vittorio Morpurgo. O monumental conjunto incluía um estádio para até 70 mil espectadores circundado por um peristilo de pilares duplos. Enquanto nos projetos de Corbusier e Costa o equipamento esportivo era secundário, na proposta de Piacentini se tornava um elemento de grandes proporções que equilibrava, do outro lado da linha do trem, o bloco de aulas monumental próximo ao Palácio de São Cristóvão.

Em 1939, com o início da Guerra, proibia-se no Brasil o trabalho de profissionais dos países do Eixo, inviabilizando a continuidade de Piacentini e Morpurgo. Em março de 1941, o MESP vencia a disputa institucional e criava o Conselho Nacional de Desportos. Em outubro, lançava “concurso de projetos para o Estádio Nacional e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos no setor sul da gleba atravessada pelos trilhos da Central do Brasil”.

O programa incluía três “arenas cobertas” para ginástica, basquete e tênis, um campo de polo, uma escola de educação física com dormitórios e o estádio com nada menos que 130 mil lugares, que se tornaria o maior do mundo. Organizado em etapas, o certame teria seis finalistas — um deles o jovem Oscar Niemeyer, então com pouco mais de 30 anos, com consultoria estrutural do mais prestigioso engenheiro calculista da época, Emílio Baumgart.



Em sua hábil proposta, a primeira inovação consistia em rebaixar em 13 metros o nível do campo em relação ao terreno original, de modo que o público pudesse acessar as arquibancadas por níveis intermediários alinhados a declives quase naturais proporcionados por um jogo de taludes, sem necessidade de subir rampas externas.

acima: a maquete do Estado Universitário, projeto de Marcello Piacentini e Vittorio Morpurgo, 1938

Como em outros estádios, a maior arquibancada situava-se a oeste, de modo a proteger a plateia do sol poente. A segunda inovação de Niemeyer consistia em pendurar a cobertura deste trecho por cabos de aço ligados a um gigantesco arco parabólico de 300 metros de vão e 100 metros de altura — equivalente a um edifício de 35 andares.

O concurso premiou o projeto da dupla Pedro Paulo Bernardes Bastos e Antônio Augusto Dias Carneiro. Os próprios jurados, porém, faziam sérios questionamentos quanto ao vencedor, que mantinha um percurso de pedestre demasiado longo. Em 2 de outubro de 1943, noticiava-se no jornal *A Noite* a construção de dois estádios: o do MESP e outro da prefeitura — que havia pedido estudos para um Estádio Municipal a Rafael Galvão e Orlando da Silva Azevedo, que haviam buscado consultoria com o engenheiro italiano Pier Luigi Nervi —, aparentemente no terreno de São Januário.

Em 25 de agosto de 1946, a reunião da FIFA em Luxemburgo definia que a sede do mundial de 1950 seria no Brasil. Os autores do Estádio Municipal e os finalistas do concurso do estádio do MESP foram convidados a reapresentar suas propostas, novamente sem que se chegasse a uma conclusão. Niemeyer não pôde comparecer, pois estava em Nova York participando do projeto da sede da Organização das Nações Unidas (ONU). Como não havia tempo de promover um concurso, a comissão avaliadora propôs a elaboração de um projeto coletivo das equipes finalistas, com capacidade para 150 mil espectadores, configuração elíptica e aspecto fechado. A Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro autorizou a construção do Estádio Municipal em 29 de outubro de 1947, na localização definida pelo MESP, com projeto assinado pela equipe mista de Galvão, Bastos, Carneiro e Azevedo — vencedores de um confronto de mais de cinco anos. Niemeyer perdera por W.O.



O projeto construído é uma elipse simétrica, com vigamento de cobertura invertido e corte das arquibancadas similar ao proposto por Nervi, com dois conjuntos transversais de rampas de acesso desenvolvendo-se pelos lados maiores opostos. A pedra fundamental seria lançada em 20 de janeiro de 1948 e o estádio seria inaugurado em 16 de junho de 1950, às vésperas da Copa do Mundo. Havíamos construído o maior estádio de futebol do mundo, sediaríamos o maior torneio do planeta, e o venceríamos. Vencemos tudo? Não. Como na letra de um tango platense, veríamos a derrota de nossa seleção para o Uruguai na final, diante de uma multidão muda, no que ficaria conhecido como Maracanaço.

nas fotos: Maracanã em maquete e em construção.



A era das vitórias populares e seu declínio

Apesar da derrota, o Maracanã continuava lá no antigo terreno do Derby. Era definitivo. E mesmo seu difícil parto fora um feito memorável: o Maracanazo reuniu a maior multidão já vista pelo futebol, com 199.854 pessoas. Em 1963, um Fla-Flu seria assistido por 194.603 pessoas — recorde mundial entre clubes que ninguém jamais ameaçou. Ali se decidiram duas Copas do Mundo (1950 e 2014), uma Copa das Confederações (2013), duas Copas América (2019 e 2021), finais de Libertadores — incluindo as decisões em jogo único de 2020 e 2023. Por quase quatro décadas, foi o maior estádio do mundo, até ser superado pelo Rungrado, em Pyongyang, Coreia do Norte, em 1989.

Ali ocorreram as cerimônias e a final do futebol da Olimpíada de 2016, e as cerimônias do Pan de 2007. Sem contar cerca de duas dezenas de finais de Campeonato Brasileiro, nove de Copa do Brasil e dezenas de finais cariocas. Foi onde Pelé fez o gol mil, em 1969. E mesmo quando não havia bola, havia gente: Frank Sinatra abriu os anos 1980 ali para 175 mil pessoas; Tina Turner, em 1988, levou perto de 200 mil — recorde mundial de público de uma artista solo; e Paul McCartney, em 1990, reuniu cerca de 184 mil pagantes, marca que entrou no Guinness.

Entre os estádios, o Maraca foi e é nosso templo maior. Até Oscar Niemeyer, derrotado no concurso da década de 1940, reconheceria o que chamara de “equivoco” de seu projeto assimétrico:

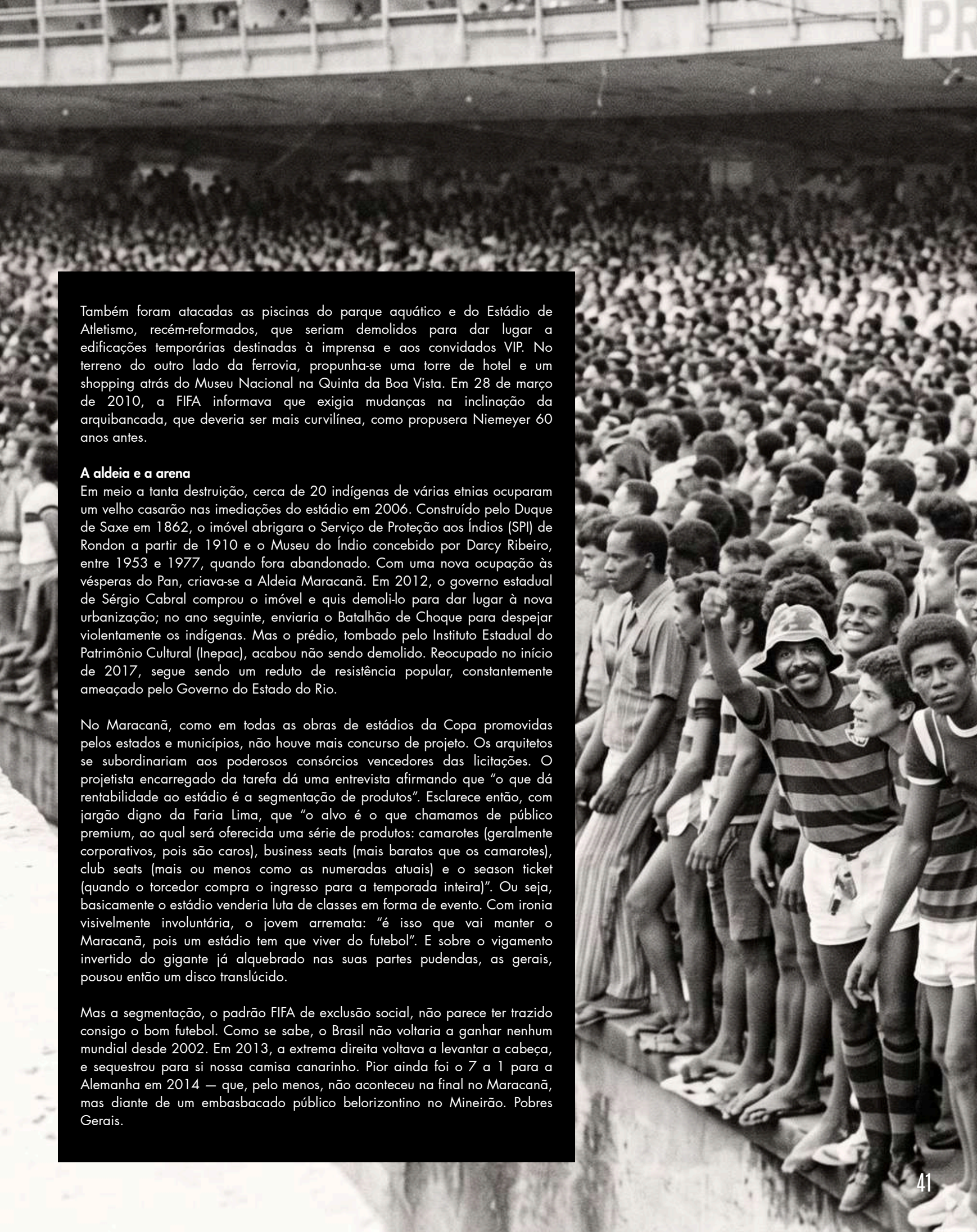
“o importante era, ao contrário, manter em todo o estádio a mesma densidade de público, e com isso o clima de festa desejado se multiplicaria, a euforia geral a se propagar”.

Via de regra, porém, o estádio não é reconhecido por seus dotes arquitetônicos. Após uma indicação frustrada em 1983, o edifício é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2000 por ter “lugar certo na memória da nação sob o ponto de vista histórico, sem que, contudo, se afigure como notável no campo das belas artes, já que lhe faltam qualidades funcionais e plásticas que permitiriam reconhecê-lo sem hesitar como obra excepcional” — sentenciava o memorando de indicação do órgão.

O Maracanã passou por pelo menos três grandes reformas. A primeira, anunciada em 1997, buscava atender as exigências da FIFA para o I Campeonato Mundial de Clubes em janeiro de 2000. Ali as arquibancadas foram divididas em setores, recebendo assentos individuais. A capacidade caíria para 128 mil lugares. A segunda grande obra seria feita para os Jogos Pan-Americanos de 2007, com o campo rebaixado e a instalação de cadeiras individuais também na geral. A capacidade já despencaria para 89 mil pessoas.

A remodelação mais radical seria feita a partir de 2009, para a Copa do Mundo de 2014. Problemas reais como tempo de evacuação do público e a acessibilidade deveriam ser atacados.



A black and white photograph of a large crowd of people in a stadium. In the foreground, a group of young men are standing, looking towards the camera. One man in the center is wearing a striped shirt and a bucket hat, and is pointing his finger. The background shows a vast sea of people filling the stadium stands.

Também foram atacadas as piscinas do parque aquático e do Estádio de Atletismo, recém-reformados, que seriam demolidos para dar lugar a edificações temporárias destinadas à imprensa e aos convidados VIP. No terreno do outro lado da ferrovia, propunha-se uma torre de hotel e um shopping atrás do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista. Em 28 de março de 2010, a FIFA informava que exigia mudanças na inclinação da arquibancada, que deveria ser mais curvilínea, como propusera Niemeyer 60 anos antes.

A aldeia e a arena

Em meio a tanta destruição, cerca de 20 indígenas de várias etnias ocuparam um velho casarão nas imediações do estádio em 2006. Construído pelo Duque de Saxe em 1862, o imóvel abrigara o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) de Rondon a partir de 1910 e o Museu do Índio concebido por Darcy Ribeiro, entre 1953 e 1977, quando fora abandonado. Com uma nova ocupação às vésperas do Pan, criava-se a Aldeia Maracanã. Em 2012, o governo estadual de Sérgio Cabral comprou o imóvel e quis demoli-lo para dar lugar à nova urbanização; no ano seguinte, enviaria o Batalhão de Choque para despejar violentamente os indígenas. Mas o prédio, tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), acabou não sendo demolido. Reocupado no início de 2017, segue sendo um reduto de resistência popular, constantemente ameaçado pelo Governo do Estado do Rio.

No Maracanã, como em todas as obras de estádios da Copa promovidas pelos estados e municípios, não houve mais concurso de projeto. Os arquitetos se subordinariam aos poderosos consórcios vencedores das licitações. O projetista encarregado da tarefa dá uma entrevista afirmando que “o que dá rentabilidade ao estádio é a segmentação de produtos”. Esclarece então, com jargão digno da Faria Lima, que “o alvo é o que chamamos de público premium, ao qual será oferecida uma série de produtos: camarotes (geralmente corporativos, pois são caros), business seats (mais baratos que os camarotes), club seats (mais ou menos como as numeradas atuais) e o season ticket (quando o torcedor compra o ingresso para a temporada inteira)”. Ou seja, basicamente o estádio venderia luta de classes em forma de evento. Com ironia visivelmente involuntária, o jovem arremata: “é isso que vai manter o Maracanã, pois um estádio tem que viver do futebol”. E sobre o vigamento invertido do gigante já alquebrado nas suas partes pudendas, as gerais, pousou então um disco translúcido.

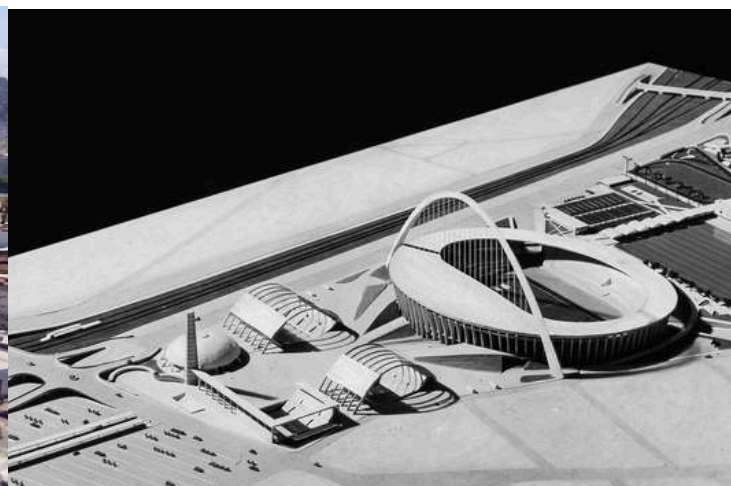
Mas a segmentação, o padrão FIFA de exclusão social, não parece ter trazido consigo o bom futebol. Como se sabe, o Brasil não voltaria a ganhar nenhum mundial desde 2002. Em 2013, a extrema direita voltava a levantar a cabeça, e sequestrou para si nossa camisa canarinho. Pior ainda foi o 7 a 1 para a Alemanha em 2014 — que, pelo menos, não aconteceu na final no Maracanã, mas diante de um embasbacado público belorizontino no Mineirão. Pobres Gerais.

Quando os estádios tinham arquibancada sem cadeira e geral, os seus ídolos no mundo todo eram uma mistura de atletas com rebeldes, malandros e, claro, artistas. Zagueiro que driblava, como Domingos da Guia; atacante de perna torta, como Garrincha; artilheiro que dava voadora num torcedor facho, como Eric Cantona, que fazia gol de mão, como Maradona, que arrematava uma corrida de 50 metros rasos com uma bicuda certa pro gol, como Romário. E que dizer de um Sócrates, rei do passe de calcanhar, herói da Democracia Corinthiana, que comemorava gol com o punho erguido dos Panteras Negras em plena ditadura?

Tudo isso aconteceu dentro dos gigantes de concreto que sacolejavam quando a torcida pulava numa arquibancada sem cadeiras. Tudo se passava quando a geral era uma espécie de zona livre para o movimento dos torcedores, e nenhuma emoção era malvista: fúria, tristeza, alegria. Nada disso parece possível no futebol de hoje, em suas arenas com nome de chocolate, idolatrando atletas de alta performance. Há já umas boas décadas o jogo vem ficando cada vez mais pasteurizado, limpo, galáctico, e os estádios também. Mas tudo sempre pode mudar, e a alegria de um futebol imperfeito e humano como o Maracanã talvez se espalhe novamente pelas ruas.



abaixo: o maracanã do oscar em IA e a maquete



Danilo Matoso nasceu em Brasília em 1974, ano que o Brasil suou pra ganhar do Zaire. É torcedor do Cruzeiro. Arquiteto e urbanista, projetista de ofício, servidor público, pesquisador na UnB e dirigente do Docomomo Brasil. Militou na política e no movimento sindical, foi editor e colunista das revistas como MDC, O Partisano e O Ipê. Pesquisa história da arquitetura e do livro. Editou e publicou diversos artigos e livros sobre arquitetura, incluindo “Destruição da arquitetura: crônicas políticas de um país em demolição” (Ruptura, 2022).



**CADÊ AS
BANDEIRINHAS**
?

O PATRIMÔNIO DO FUTEBOL EM RISCO

Não existe mais clima de Copa do Mundo. Temos ouvido muito isso. Cadê as bandeirinhas nas ruas? O que aconteceu?

E aqui, sem medo de cair em uma romantização do passado, eu digo que sim — o futebol mudou, nossa relação com o futebol mudou. Mas a culpa não é da nossa falta de empolgação ou de coletividade. A culpa não é do nosso individualismo. A culpa disso são outros "ismos", que fizeram com que o futebol fosse progressivamente afastado da classe trabalhadora e incorporado à lógica do capital global.

Eu estudo habitação social aqui no Reino Unido e nunca tinha me dado conta de como o futebol tem tudo a ver com o que está acontecendo com a habitação. Se a gente está vendo hoje a financeirização da moradia, com os conjuntos habitacionais do pós-guerra servindo como monumentos de uma época em que se construía casa para as pessoas morarem, os grandes estádios do século XX parecem ocupar hoje um lugar parecido: resistem como lembrança física de um momento em que o futebol era pensado, antes de tudo, para os torcedores.

um texto de:

RAFAELA SIMONATO CITRON

Mas esses grandes estádios estão em risco, assim como a dimensão popular do futebol. Não porque deixaram de funcionar, mas porque já não respondem ao modelo econômico atual do futebol, baseado em hospitalidade premium, camarotes de luxo, restaurantes exclusivos e experiências VIP.

Um exemplo que representa bem essa transformação é o San Siro, em Milão. Inaugurado em 1926, o estádio se tornou um dos maiores símbolos do futebol europeu e uma referência da arquitetura esportiva em concreto do século XX, com suas impressionantes rampas de concreto. Até 2025, o estádio pertencia à prefeitura de Milão, quando foi comprado pelos dois clubes que compartilhavam seu uso, Inter e Milan.

Os novos proprietários anunciaram a construção de uma nova arena projetada por Foster + Partners no terreno ao lado — que também era um terreno público adquirido pelos clubes. Após a conclusão da nova arena, o antigo San Siro será demolido para dar lugar a um projeto de reurbanização, com escritórios, áreas comerciais e novos espaços verdes. A arena em si terá capacidade menor que a atual, mas incluirá cabines privadas, áreas premium e restaurantes de luxo. Afinal, hoje, é isso que importa.

Não poderiam ter construído em outro lugar e mantido o estádio original? Ele não poderia ser usado para outros eventos? Ou então reutilizado para outros usos? Mas eu adicionaria ainda mais uma pergunta: faz sentido manter a arquitetura do estádio e remover dela a sua alma, que é justamente o futebol?

Temos dois exemplos aqui no Reino Unido que ajudam a pensar essa questão. Um é o Goodison Park, um dos estádios mais antigos da Inglaterra. O Everton construiu um novo estádio, inaugurado em 2024, e recentemente anunciou que o antigo estádio será mantido. O Goodison Park passará a abrigar o futebol feminino do clube, preservando assim não apenas a estrutura física, mas também a sua essência, que é o uso esportivo.

Em contraste, o antigo Highbury Stadium, do Arsenal, foi convertido em um complexo residencial de luxo, preservando parte da arquitetura, mas removendo completamente sua função original. É um projeto extremamente interessante e admirado por arquitetos, justamente por mostrar que edificações podem receber novos usos, mesmo quando foram construídas para programas tão específicos. Mas é aqui que entra o questionamento: faz sentido? O que exatamente está sendo preservado aqui?





*down
down
down*

o futebol high society



Existe, claro, uma dimensão ambiental importante nesse debate. Reutilizar estruturas existentes sempre será mais sustentável do que demolir e reconstruir, especialmente em edifícios dessa escala e feitos em concreto, com uma enorme quantidade de carbono incorporado. Mas reduzir a discussão apenas à sustentabilidade talvez seja insuficiente, já que estamos falando também de patrimônio cultural. E quando falamos em preservação, não estamos falando apenas da sobrevivência física das edificações. Estamos falando também da permanência de usos e memórias associadas a esses espaços. Em todo patrimônio material existe uma dimensão imaterial — e essa é sempre a mais difícil de preservar.

Por isso esse debate tem tanto a ver com a habitação social do pós-guerra. A gente até consegue preservar a edificação, mas o que a gente queria mesmo era poder manter a habitação como um direito essencial de todos, e não como um ativo financeiro. E talvez seja isso que esteja em disputa: a possibilidade de manter vivos espaços populares em cidades cada vez mais organizadas pela lógica financeira. Porque a gente pode manter todos os estádios de concreto do mundo... o que a gente quer mesmo é a festa na rua, com bandeirinhas, que estão desaparecendo.



Rafaela Simonato Citron é arquiteta e urbanista. Nasceu em Carazinho no Rio Grande do Sul e hoje vive em Londres. Na Corda Bamba é fã dos comentários que ela faz em seu Instagram: [@rafa_arqurbuk](https://www.instagram.com/rafa_arqurbuk). Principalmente porque ela inferniza a vida das pessoas que acreditam em arquitetura afetiva. As fotos do estádio do Arsenal são dela. A aérea de San Siro é da agência Roscosmos MG.

em outubro
não pise na
bola

•

vote só nos
candidatos
de esquerda

malu magalhães gaspar



Sarriá II

ou A inevitabilidade

um conto de: **EDUARDO SOUZA LIMA**

Tempo é dinheiro, diz o dito popular; Dažbog Çullhaj tinha os dois de sobra. O homem mais rico do planeta, entronizado CEO da Terra – ou Dono do Mundo, para os desafetos –, cuja fortuna era estimada em 146 trilhões narizes de formiga, conquistou a imortalidade dois anos antes do previsto por Ray Kurzweil, graças ao Kosheii, um elixir criado por sua equipe de cientistas, que reunia todos os Nobéis de Física, Química e Medicina desde o início do século ainda vivos. A quantia reservada ao seu novo projeto consumiria apenas uma quantia irrisória diante de sua riqueza e, para ele, os 70 anos que calculou – entre a coleta de DNAs para a criação dos clones e o tempo de maturação – para concretizá-lo equivaliam a uns poucos meses.

O Brasil foi o país escolhido pelo albanês Çullhaj para dar início – pontapé inicial? – ao seu primeiro e mais ambicioso plano: tomar para si todo o dinheiro existente. Fazia isso com as melhores intenções, acreditava que só assim eliminaria a miséria, reduziria a desigualdade econômica e acabaria com a crise ambiental. Mas essa é outra história; concentremo-nos neste episódio em particular de sua longa vida – àquela altura, tinha 132 anos de idade. No país do futebol, como sói acontecer com a maioria dos gringos, apaixonou-se pelo esporte. Virou torcedor do modesto Clube Atlético Juventus, por influência do amigo playboy da Mooca Cleber Eduardo. Çullhaj – Ódio eterno ao futebol moderno! – vivia a repetir o paulistano juventino.

Passado meio século, a Humanidade já colonizava diversos exoplanetas. Çullhaj preferiu erguer uma cópia fiel do Estádio Sarriá num deles, Ninhursag, que tinha gravidade compatível com a da Terra e orbitava Petas Artimanus, uma anã amarela, como o Sol. A impressora 3D reproduziu o palco da tragédia, que fora demolido em 1997, à perfeição. Bem mais complicado foi replicar com a máxima fidelidade as 44 mil pessoas presentes; muitos tiveram de ser programados genericamente como agiam os torcedores de futebol nos distantes anos 1980. De humanos, só ele e Cleber Eduardo estavam na arquibancada. Como muitos, o playboy da Mooca, a princípio, não queria tomar o Kosheii. Ele não via sentido em ser imortal; aceitou somente para não perder esta ocasião. Sua intenção era reverter depois seu efeito, para morrer de velhice.

Çullhaj havia calculado o lugar exato onde erigir o Sarriá II, para garantir as mesmas condições climáticas do dia da peleja. Às 17:15h – no fuso horário onde existira um país chamado Espanha – o árbitro deu o apito inicial. Os dois amigos estavam eufóricos, felizes como crianças. A alegria durou pouco: logo aos 5 minutos de jogo, numa desatenção da defesa brasileira, Cabrini cruzou para Paolo Rossi, livre como um pássaro, marcar de cabeça. Os dois se entreolharam, incrédulos.

– Eu previ que algumas coincidências poderiam acontecer – disse Çullhaj, para consolar Cleber Eduardo.

No entanto, aos 12 minutos, Sócrates empatou. A alegria da dupla estava por um fio e acabou de vez quando Rossi fez 2x1 para a Itália, 13 minutos depois. Aí tiveram certeza de que veriam a História se repetir.

– Pelo menos, vamos ver um bom jogo ao vivo – conformou-se o playboy da Mooca.

Encheram a cara de Olde Mink e relaxaram. Tudo aconteceu, como se os jogadores seguissem um roteiro, até que o androide programado com as inteligência e acuidade do juiz Abraham Klein agiu como paródia e marcou o pênalti de Gentile sobre Zico, aos 36 minutos do segundo tempo, quando a Itália vencia o jogo. Zoff chegou a tocar na bola, ainda que o Galinho tenha batido magistralmente: 3x3. Os amigos voltaram a ter esperanças, O empate era o suficiente para o Brasil passar para a próxima fase, mas o time continuou tentando a vitória e, num contra-ataque fulminante, Paolo Rossi marcou o seu quarto gol, aos 44.

– Não tem jeito. Esse time só sabe jogar pra ganhar – sentenciou, Cleber Eduardo, conformado.

A tragédia se repetiu como farsa. Çullhaj finalmente percebeu que não é possível mudar o passado, mesmo como simulacro. Todavia, como não admitia derrotas, assim que deixaram Ninhursag, desintegrou totalmente o seu trabalho de 55 anos como se nada fosse.

Eduardo Souza Lima é carioca de Realengo, radicado em Paraty. É jornalista, cineasta e escritor. Lançou seu primeiro romance, "Martina no Vale do Germânio" (Cousa), na Flip de 2023. Em 2025 saíram mais dois, "A transação do infinito" (M.inimalismos) e "Esmagaar, matar, destruir" (Opera), o livro de contos "Flor do Bairro" (Opera) e o infantil "Flora" (Zit). Este ano, lançou a antologia "Essa concha com o som latente do mar" (Lírio).

**sempre que
um jornalista
sapatênis
escreve a
palavra
polarização,
uma fada
morre na
pomerânia.**

Hans Christian Andersen

MORABEZA FUTEBOL CLUBE

***Spoiler: este artigo está recheado de parênteses explicativos, seja para tentar esclarecer o texto, seja para o autor ter certeza do que está falando.**

aviso: ele foi escrito antes de Cabo Verde ir pro mata-mata e de Vozinha virar herói da criançada.

Pousando em Praia, capital de Cabo Verde, coloquei na cabeça que precisava decifrar dois mistérios que me consumiam já antes desta viagem; como admirador daquela ilha africana que fala português, como aficcionado por FUTEBOL (mais pelo Timão eh oh, do que pela seleção cana(st)rinha):

- 1- O que quer dizer MORABEZA, que a gente ouve aos 4 ventos (e bota vento nisso), palavra sempre dita num delicioso e enigmático crioulo?
- 2- Como esse povo alegre e simpático, está encarando a ida de sua seleção para a Copa do Mundo, pela 1.ª vez em sua história?

Desembarquei, já todo suado pelo calor úmido, pensando em encontrar um dicionário para matar minha curiosidade linguística e uma loja de esportes para comprar uma "camisola" da seleção dos tubarões azuis, do meu tamanho (tenho obesidade grau 1, segundo o último censo do meu plano de saúde).

Instalado num hotel, na praia da Gamboa, perto das obras de um megaprojeto de um hotel-cassino chinês, atualmente abandonado, comecei minha pesquisa vernacular: toda vez que virem a palavra MORABEZA escrita num gadget eletrônico qualquer, ela vai estar sublinhada pelo corretor ortográfico, que não a reconhece (mesmo os dois, corretor e palavra, sendo portugueses).

MORABEZA é uma expressão usada exclusivamente em Cabo Verde, como a saborosa cachupa: refogado de feijão e milho estufados, com nacos de carne (porco ou peixe) e muitos legumes não-identificados, que boiam náufragos no seu prato; uma receita local que se come no pequeno almoço (café da manhã), no médio almoço, no grande almoço ou em todas as horas que se estiver com muita fome. Tanto a palavra, como a iguaria gastronômica, não foi exportada, ficando circunscrita àquelas 10 ilhas, de origem vulcânica.

TEXTO E FOTOS: DI MORETTI



Aqui vale a pena falar um pouco da história de Cabo Verde: Segundo os colonizadores portugueses, as ilhas eram desabitadas quando eles chegaram (em 1460) e apenas serviam de entreposto para suas caravelas serem reabastecidas, na vergonhosa viagem que faziam, da África para a América, levando escravizados nos porões de suas galés. Esta versão frágil e parcial tem seus opositores que dizem ter havido lá um povo originário (possivelmente indígena) que foi, mais uma vez, varrido pra baixo do tapete da história oficial.

Enfim, não se sabe ao certo quando MORABEZA ganhou as praias e as ruas e deixou as bibliotecas e os alfarrábios caboverdianos. O que se sabe é que esta palavra parece ser uma contração de uma expressão: "amor à beça", que dita em sequência e com rapidez se transforma na charmosa MORABEZA. Ou seja, ela não é apenas uma palavra, mas sim um estado de espírito explícito que quer dizer amor, gentileza, carinho, tesão, desejo e demais variantes.

MORABEZA, mesmo sendo um substantivo abstrato, conhecido apenas nas ilhas, é de origem imprecisa. Expressão esta que deve ter nascido de um grande amor perdido, afogado em generosas doses de grogue, sob o som de uma morna dor de cotovelo (quase um pleonismo, quase um fado).



Dirimida a dúvida do vernáculo, me restava ir atrás de entender a paixão dos caboverdianos pelo FUTEBOL. Como disse, desembarquei suado, achando que ia encontrar um país em festa, bandeiras nacionais flamulando nas janelas das casas coloridas, pessoas ostentando orgulhosas suas camisetas da seleção... Ledo engano, achei até que Cabo Verde pudesse ter sido desclassificada sordidamente, na surdina, pela FIFA, por algum motivo torpe, como a Rússia e possivelmente o Irã.

Apesar de ser o esporte predileto dos caboverdianos (mais de 75%), esta paixão me pareceu bem amena e, porque não dizer, bem normal (muito ao contrário da gente aqui). No segundo dia, mais conformado com a realidade local, fui atrás de testemunhos sobre a febre do FUTEBOL em Cabo Verde. Devo confessar minha total ineficácia nesta pesquisa de campo, não consegui nada além daquelas frases chavões, que tanto estamos acostumados e que no fundo não querem dizer porra nenhuma.

Tentei apelar para o lado mais exotérico, das tradicionais mandingas ligadas ao FUTEBOL, esperando encontrar uma sociedade secreta tribal que sacrificasse algum animal exótico africano, em prol de um gol, de uma taça, mas nada. Lembrei até do documentário que escrevi anos atrás ("23 anos em 7 segundos", sobre o jejum corintiano) e das sábias palavras do Craque Neto sobre superstição no futebol. Indagado sobre passar embaixo de escadas ou mesmo evitar gatos pretos pelo caminho, ele foi curto e direto: "quero mais que esse gato e essa escada se fodam!".

Bem, me restou curtir a festa da ida dos tubarões azuis para a Copa do Mundo, comigo mesmo, torcendo para Cabo Verde, usando uma camiseta oficial. Ai, comecei outra saga, não havia mais nenhuma pra dar ou vender, estava tudo esgotado. Mas, sempre existe um jeitinho, na ilha, se o turista se conformar com o comércio paralelo chinês. Você pode conseguir de quase um tudo: um hotel cassino, uma universidade, uma churrascaria rodízio ou mesmo uma camiseta da seleção.

E, lá fui eu atrás de uma lojinha sino-caboverdiana. Imediatamente me dei conta que não lembrava de nenhum chinês gordo e constatei que toda e qualquer vestimenta confeccionada entre as muralhas são minúsculas. Mas, cego por minha paixão pelo FUTEBOL, adquiri uma camiseta 2XL (que serviria bem no boneco Ken, mas que em mim ficava parecendo o Senhor Barriga usando um "tomara que caia").

Enfim, passei mais alguns dias na ilha, regados à Africana (saborosa cerveja local), embalados ao som das tabankas (prima-irmã do samba brasileiro) e na voz grave e deliciosa de Fattú Djakité (cantora de Guiné Bissau), que se apresentava no Kriol Jazz Festival, em Praia. Experiências sensoriais e degustativas compartilhadas com caboverdianos incríveis; todos muito parecidos com a gente, talvez menos neste aspecto de vibrar, como um imbecil como eu, por FUTEBOL.

Do meu lado, aqui em casa, na frente da TV, usando minha minúscula camiseta da seleção de Cabo Verde, que mal cobre meu umbigo, vou torcer fervorosamente para que os tubarões azuis passem pelo difícil grupo H, na Copa do Mundo, superando Espanha e Uruguai, numa zebra tipicamente africana, porque aquele povo merece, porque aquele povo tem muita MORABEZA pelo FUTEBOL.



Estudo o tempo das apostas

***Este grande condomínio de farmácias
Padrão duas em cada esquina
Que são as copas do mundo de futebol***

***Na disputa, o estômago do Império
Quando todos os truques
De iludir foram abandonados
As bolas lambem a Luz dos Monstros***

***Meu corpo treme a distância
Os ingressos não garantem nada
Os guichês de migração dizem o monstro
Você recusa e corre com os invasores***

***O funk rompe na tela a palavra brasileira
E a imagem IA de Pelé chuta os Maradona
E grita bem alto:
Eu entreguei***



Paulo Scott nasceu em Porto Alegre, em 1966. Escritor e professor universitário, publicou doze livros. Recebeu os prêmios Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional, APCA, Açorianos de Literatura, entre outros, e foi finalista de prêmios como Jabuti e prêmio São Paulo de Literatura.

BAR MILTINHO, SAÚDE, SP

Um gol na Palestina

Pela Palestina

por **IGOR OJEDA**

Um dia, fiz um gol na Palestina. Pela Palestina.

É um tanto confuso de entender, mas aconteceu. Era junho de 2014, às vésperas da Copa do Mundo do Brasil. Uma delegação oficial palestina veio para cá pedir que Israel fosse suspenso da Fifa.

Denunciavam a ocupação e, principalmente, todos os danos que o Estado sionista causava ao futebol na Palestina.

(Tente só imaginar como é praticar o esporte — qualquer um — em meio a constantes bombardeios a instalações esportivas, detenções arbitrárias, interrupções forçadas de jogos, humilhações e esperas prolongadas em postos de controle militarizados e até assassinatos)

No grupo, havia alguns jogadores e ex-jogadores da seleção. Quando passaram por São Paulo, um pequeno número de jornalistas foi convidado a disputar uma partida contra eles. Por sorte, eu estava entre os privilegiados.

"Freedom for Palestinian football", dizia a camiseta que ganhamos de presente. Adorei. Mas estava de olho mesmo na linda camiseta vermelha oficial da seleção que os palestinos vestiam. Esta não estava disponível. Mas eu tinha um plano para o fim do jogo.



GOL DE OJEDA. FOTO: TATIANA MERLINO

No campo, um society no bairro do Limão, foi um vareio. Um, dois, três, quatro, cinco a zero para a Palestina, contra um Brasil representado por jornalistas absolutamente fora de forma. Até que, ao receber a bola vinda de uma cobrança de lateral, fiz o primeiro gol brasileiro. Deu tempo de participar da jogada do segundo antes de ser substituído (ainda bem). Contraditoriamente, um gol na Palestina, no contexto em que foi feito, representou uma pequena contribuição para a causa.

Do lado de fora, esperei pacientemente o fim da partida, quando abordei Roberto "Peto" Kettlun, ex-capitão da seleção, e lhe pedi duas coisas: uma entrevista e sua camiseta, em troca de uma do... Corinthians, que eu havia levado na mochila já com "más" intenções. Ele relutou um pouco, mas enfim cedeu.

De origem palestina, mas nascido no Chile, Peto jogava, na época, no Hilal Al-Quds, time de Jerusalém Oriental. Para mim, ele contou que, uma vez que Jerusalém estava isolada por muros e checkpoints do resto dos territórios palestinos, o clube não podia mandar seus jogos em casa. O próprio Peto, que morava em Ramallah, a poucos quilômetros, não conseguia ir até a sede do time. "A maioria dos palestinos não tem direito de estar em Jerusalém. Portanto, não podemos aguentar mais", desabafou.

Essa situação insuportável, enfrentada tanto pelo futebol palestino quanto pela população em geral, piorou dramaticamente desde então.

Em 8 de julho, exatamente um mês depois da partida amistosa em São Paulo, e no mesmo dia em que o Brasil tomava de 7 a 1 da Alemanha, Israel iniciava mais uma série de bombardeios à Faixa de Gaza, assassinando, ao final de 50 dias, mais de 2 mil palestinos — a grande maioria, civis.



O bloqueio total de Israel à Gaza, que durava então sete anos, só recrudesceu. Assim como as políticas de apartheid israelense na Cisjordânia. Em outubro de 2023, o Estado sionista deu início ao atual genocídio dos palestinos do enclave, como "resposta" aos ataques do Hamas a Israel. Entre as dezenas ou centenas de milhares de vítimas, muitos jogadores de futebol e atletas dos mais variados esportes.

A Fifa, que nada fez em 2014, nada fez agora, 12 anos depois. Israel só não jogará a Copa do Mundo deste ano porque não se classificou dentro de campo. Israel esteve presente nas Olimpíadas de Paris, nove meses depois do início do massacre. E muito provavelmente participará dos jogos de 2028. O COI também nada fez.

Radicalmente diferente do tratamento que havia sido dispensado à Rússia, imediatamente suspensa de competições esportivas internacionais por causa dos ataques à Ucrânia.

Afinal, algumas vidas, como sabemos, valem muito mais do que outras.



**toda a
grande
imprensa
brasileira
come na mão
da direita e
do sistema
financeiro.**

george soros

TEM UM PACHECO APAGADO E ESQUECIDO NUM MURO DA VILA VALQUEIRE



uma madalena de

MANOEL FILHO

Das minhas poucas lembranças de infância, um muro sempre foi a mais intrigante. Olé, Copa 82, Vamos Vencer. Uma frase e muitos símbolos.

Eu, aos dez anos, nada sabia sobre Pacheco, O Camisa 12 da Seleção Brasileira, criado por um time de marketing da Gillette e estampado em um muro carcomido que pertencia a uma loja de material de construção, feito pelos torcedores esperançosos da Rua Jagoroaba, em Vila Valqueire. Não faço ideia de quem financiou a pintura e principalmente quem esqueceu de apagar, porém, o que ficou na história foi a Tragédia do Sarriá, os três Gols de Paolo Rossi e ao longo dos anos, o ridículo desenho de um homem caricato com uma boca enorme, uma bandeira verde-amarela e alguns touros atrás dele. Com o advento da internet, toda a campanha publicitária pode ser vista e consultada com esforço mínimo, mas para mim, em 1994, era intrigante o significado daquele mural.

Natan Pacanowski, um sujeito obeso, nascido numa família de judeus poloneses, jornalista e comentarista de turfe, foi escalado para personificar o tal Pacheco na Copa da Espanha. Acompanhou a seleção, infernizou os dirigentes e forneceu cigarros para a delegação, proibida de fumar pelo então técnico Telê Santana e virou um protagonista improvável. Aquele Julho de 82 marcou o fim de um sonho e sabemos que os Brasileiros gostam no geral de fantasiar heróis, as capas de revistas são testemunhas desta paixão nacional. E o tal Pacheco da Gillette não foi exceção: ganhou uma sonora sacaneada do pessoal do Pasquim, que enterrou o “mascote não oficial” com uma capa politicamente incorreta.

No papel, Zico, Leandro, Falcão, Sócrates e Toninho Cerezo eram o que havia de melhor em futebol-arte, uma máquina de jogar bola. Não ganhamos nada, morremos nas quartas. Aliás, para ser justo, ganhamos sim. Um hino.

Pela mesma época do tal Pacheco, o então lateral Júnior recebeu a alcunha de maestro. E talvez, para que o apelido fizesse algum sentido, achou por bem virar cantor. Não apenas gravou um compacto de muito sucesso com o hit Voa Canarinho (Povo Feliz), mas também registrou em disco alguns pagodes. Ao contrário do single e talvez por conta da derrota ou pelas interpretações duvidosas, o LP não foi um campeão de vendas, apesar de ter nomes como Sombrinha, Luiz Carlos da Vila, Délcio Carvalho... até o Martinho aparece na ficha técnica. O sorridente Leovegildo traduzia a total confiança do tetra, depois de o Brasil ter sido roubado na copa anterior realizada na Argentina do ditador Videla. Não foi em 1982, o jejum permaneceria até 1994. Já a canção de Memeco e Nonô do Jacarezinho, de tempos em tempos, passa por um processo de maquiagem e torna a nos assombrar no país do Pachequismo Master, por motivos extrafutebolísticos...

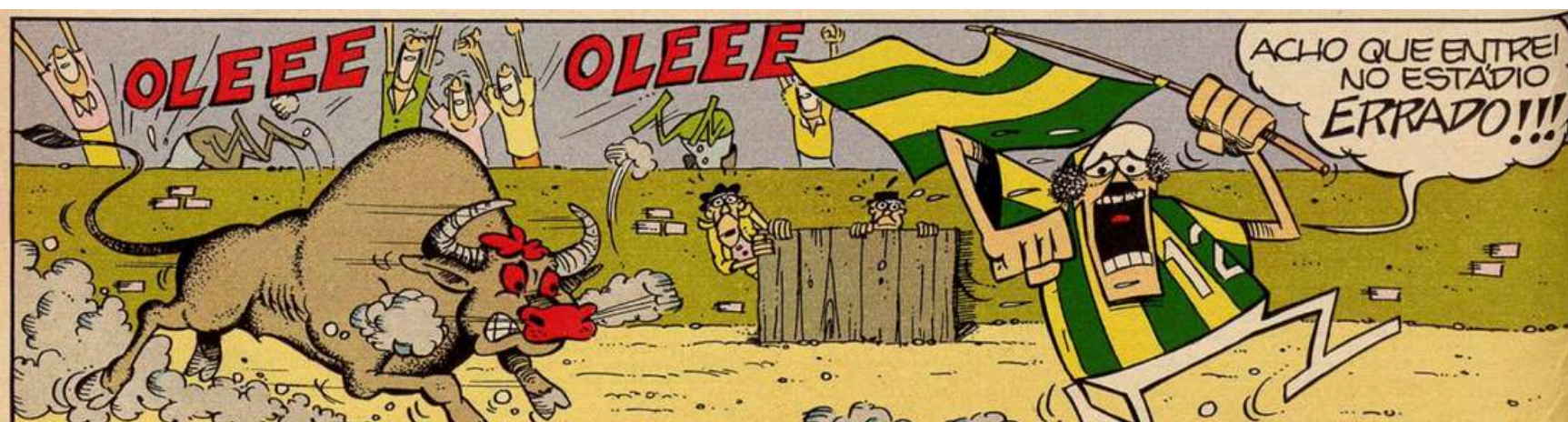
A internet, os romances, as dívidas, as coisas mais importantes a fazer, as apostas, a sociedade deprimida e sem gás para carnavais fora de época, além de novos hábitos, aboliram os costumes antigos, que incluíam os famigerados galhardetes de políticos, queimar lixo, jogar futebol na rua, falar mal do vizinho e passar trote nos orelhões “diretos”. Tudo isso é coisa do passado, inclusive se empolgar com a seleção.

Depois do 7 a 1, a relação do Brasil com a canarinha mudou. Naquele dia, nenhum Pacheco estava no Mineirão e ninguém foi capaz de invadir o campo e fazer como Rojas nas eliminatórias de 1990: anular a partida e apagar aquela terceira tragédia, esta, por sinal, bem doméstica (e estamos próximos dela novamente).



Passei décadas sem ir ao Valqueire e também perdi o gosto por futebol e suas falcatruas, minha fada do dente já morreu. A única obrigação com o bairro nesses últimos vinte e poucos anos é o voto, que eu deposito até hoje na Candido Campos, de onde guardo doces recordações literárias. O muro, que jamais foi um ponto turístico, virou um mictório de entregadores e estacionamento noturno para a casa de swing que opera ao lado de uma Igreja Neopentecostal, pois o brasileiro tem comemorado muito a dois, a três, escancarando de vez. Pra minha surpresa, meu pai disse que o desenho havia sido pintado há muito tempo, mas em 2022 o paredão foi lavado, o cal foi retirado e a tal imagem tornou a aparecer. O terreno foi vendido para uma concessionária de automóveis e dessa vez puseram um verde sem graça na parede.

Em tempos de seleção desacreditada, sem Telê, canarinho e o muro, chamar um restaurador para dar vida novamente ao Pacheco ao meu ver seria uma boa ideia, um pouco de entretenimento nunca é demais.



Flamenguista de Marechal Hermes, **Manoel Filho** atua desde 2012 como pesquisador de Música Brasileira, através de seu canal "Tonicomanoel" no YouTube e Instagram. É também revisor, escritor, consultor técnico e leitor crítico de títulos sobre música brasileira, com colaborações para a revista da ABRAMUS, Itaú Cultural, Três Selos e Musicalidade.com. Foi um dos responsáveis pela catalogação e digitalização de acervos das gravadoras Tapeçar, Top Tape e Musidisc. Não gosta de ser confundido com influencers nem lida com IA na cultura.



um peixe no gramado

por
FLÁVIA
LINS E
SILVA

Nunca soube nada sobre futebol. Achava divertido ver os meus irmãos jogarem futebol de botão na sala de casa, mais porque rolava de rir com a narração inventada por eles do que pelo jogo em si. Sou daquele time que só assiste futebol quando o Brasil chega na Copa do Mundo e, de preferência com amigos, que ajudam a tornar o assunto mais interessante. Escolhi um time popular, o Flamengo, para não me sentir completamente esquisita na Terra Brasilis e, nos anos 80, no Rio, o Zico era o grande ídolo dos cariocas. Torci por ele e pela seleção canarinha nas Copas de 1982 e 1986 (não me lembro da Copa de 1978) mas nunca o vi em campo. Fui poucas vezes ao Maracanã e, como sempre fui distraída, perdia sempre os gols ,ou seja, preferia a TV com sua grande invenção: o replay.

Em 1993, me formei em jornalismo e o meu sonho era trabalhar como correspondente internacional. Estudei inglês, francês, espanhol, alemão e italiano sonhando em ser como a Cristiane Amanpour, uma boa correspondente pelo mundo afora. Mas, a vida nunca segue o roteiro planejado e, meu primeiro estágio foi no setor de chamadas da TV Globo. Eu tinha que assistir os filmes, marcar as melhores cenas e propor o texto para o locutor narrar. Um dia tomei um susto horrível assistindo um filme de terror e imediatamente fui rebaixada para ver os filmes da sessão da tarde. Vi muitos filmes infantis e isso até que iria me ajudar mais para frente.

Naquele momento, porém, eu ainda sonhava em ser jornalista e, nos horários livres, eu vagava pelo andar do jornalismo, em busca de uma chance. Um dia, olhando as notícias que chegavam dos Estados Unidos por satélite, querendo me enturmar com a turma do jornalismo internacional, vi que chegavam também muitas notícias da NBA. Era o ano do gênio do Basquete, Michael Jordan, e por sorte precisavam de alguém no Globo Esporte para traduzir aquelas matérias. Foi assim que consegui o meu primeiro emprego no jornalismo, sempre sonhando em escrever as matérias internacionais do Jornal Hoje, que vinha logo depois do Globo Esporte. Algumas vezes, me ofereci para escrever as matérias internacionais do Jornal Hoje e me deixaram experimentar. Quase sempre eram tragédias contadas em 20 segundos. E, quando surgia algum outro assunto mais importante, as matérias internacionais eram as primeiras a cair.

Eu era séria, achava o setor internacional mais importante, mas aos poucos, fui percebendo que as notícias dos esportes costumavam ser muito mais felizes do que as internacionais: sempre mostravam gols, vitórias, recordes, superações. Comecei então a me empolgar com o mundo esportivo, mas meus chefes cismaram que eu tinha que aprender a escrever sobre futebol. Eu tentei, juro que tentei. Passava as semanas decorando os jogadores de cada time com seus respectivos técnicos... para ver tudo desmoronar na segunda-feira.

Aquilo era muito mais difícil que decorar a tabela periódica. Toda semana, alguém era demitido, vendido, comprado e os elementos da química mudavam sempre de lugar, numa eterna dança das cadeiras.

bar favorita, vila mariana, sp.
na página anterior: ateliê de costura da dona ana.
fotos: fabiano maciel



Eu tinha uma defasagem de 25 anos pelo menos em relação aos meus colegas de trabalho, que olhavam torto para mim por ser mulher e a verdade é que eu não sabia mesmo nada de futebol. Tentei inventar matérias sobre iatismo, ginástica olímpica, mergulho, ou seja, esportes mais alternativos, mas o mundo do esporte respira futebol e eu nunca estaria à altura daqueles incríveis jornalistas esportivos, passionais, que torciam fervorosamente, que se implicavam feito meninos, sabiam escalões de cor e choravam como crianças quando seus times perdiam.

Eu olhava para eles com espanto: amavam mesmo aquele mundo. Não faziam esforço algum para memorizar times e seleções. Eu me sentia um peixe tentando nadar no gramado. E ainda sofria com o ódio dos meus irmãos e de tantos outros fanáticos por esporte que invejavam o meu emprego e sobretudo a minha carteirinha de jornalista esportiva que me permitia ir gratuitamente à tribuna de imprensa no Maracanã mas que nunca era usada. Afinal, nas minhas raríssimas folgas de fim de semana tudo o que eu queria era passar bem longe dos campos esportivos. Um dia, faltou alguém no plantão e me escalaram para cobrir um jogo, ou seja, eu tinha que escolher os melhores momentos do intervalo do jogo e ainda comentar a tática usada pelos jogadores. Acho que foi neste dia que descobri o meu talento para ficção. Nunca inventei tanto!

Por sorte, um ano depois, abriu um concurso para novos roteiristas na TV Globo e eu me inscrevi. Era uma prova difícil: 800 candidatos para poucas vagas. Passei para o curso e pedi férias. Cheguei na segunda etapa e pedi licença do trabalho. Por fim, me demitiram do esporte e encontrei um campo onde minha mente distraída e fértil conseguiu espaço para nadar livremente. O peixe que tinha caído acidentalmente entre as quatro linhas do gramado, finalmente encontrava o mar.

Flávia Lins e Silva é uma escritora, jornalista e roteirista brasileira. Escreve livros infanto-juvenis com destaque para as coleções Diário de Pilar e Detetives do Prédio Azul. Foi roteirista da TV Globo por 16 anos, onde escreveu programas como Caça Talentos e Sítio do Picapau Amarelo, além de séries e novelas.

Eu acompanho e amo futebol.
Daí, que tenho acompanhado a ascensão
do clube 4 de Julho.
Do Piauí.
E mais: de Piripiri, no interior do Piauí.
"Ah, vc não conhece?"
Pois é, eu conheço.
É a porta de entrada pra Sete Cidades.
Estive lá pq fui estudante de Arqueologia
antes de fazer Comunicação.
Conheci uma boa parte do Brasil, junto com
Andrea Figueiredo,
láááa nos 70, qdo viajamos, por alguns
meses, com um grupo de amigos.
De agora em diante, além de Fogão, tb sou
4 de Julho.
Me aguardem!



Eu caminho no calçadão de Copa todo dia,
de manhã cedinho.
Sim, faço parte dessa turma que chamam de
psicopatas. Como os que tomam
café sem açúcar.
Acho que somos os psicopatas do bem
Saio de casa um pouco depois das cinco,
bem naquela hora que 'tá começando
a clarear o dia, com aquelas cores lindas
iluminando a Serra do Mar lá no horizonte.
É a nossa Aurora Surreal.
Já nesse horário, tem a galera do funcional
no posto 5, depois tem o frescobol e o
beach tennis perto do Othon, a galera do
futevôlei lá perto da Figueiredo, várias
equipes de nado em mar aberto e a turma
mais psicopata de todas que é o pessoal do
stand up paddle que vai ver o nascer do sol
lá do meio do mar.
Me falaram que eles chegam em torno de 4
e meia da manhã.
Hoje, quando eu já estava voltando pra
casa, no posto seis, um dos jogadores da
rede do futevôlei rebateu a bola muito alto e
com muita força. A bola quicou bem na
minha frente, passou por cima do ciclista na
ciclovía, foi pra rua, um carro que tava
passando "chutou" a bola com o para-
choque e ela foi parar dentro do
quadrado de cimento de uma árvore no
canteiro central da Atlântica.
Foi quando alguém gritou bem alto: "Vai
Fogão !!"

prosa instantânea não é nescafé

CRISTIANA GARCIA DE SOUZA

A VOLTA

Tive uma reunião de trabalho fora do Rio e, ontem, precisei pegar um ônibus pra uma viagem de 4 horas e meia. Tudo certo. Hoje de manhã cedo, desci pra tomar café da manhã no restaurante do hotel e um cara falava sem parar, emitindo opinião sobre mudanças climáticas. Passei pelo mamão e ele tava nas geleiras da Groelândia. Nos ovos mexidos, o purple haze já tava fazendo efeito e ele tava no mar de Ipanema invadindo a Floresta da Tijuca. Já no café com leite com uma fatia de queijo minas, ele estava em dúvida sobre o deserto de Atacama. Me levantei, peguei minhas coisas no quarto e desci pra pegar um táxi. Ele tava na recepção divagando sobre as plataformas de petróleo. Saltei na rodoviária, me sentei numa mesa em frente a uma das lanchonetes e, bem quietinha, fiquei.

"Oi! Que coincidência te encontrar de novo!"

Visualizei bem aquele senhor de cavanhaque, com o olhar franzido e mais perdido do mundo.

"Sou eu! O taxista que te levou ontem!"

"Ahhhh... Desculpa, não reconheci o sr.", e meti a cara no celular.

Ele comentou sobre alguns assuntos como a conta de luz e a política da cidade qdo uma senhora perguntou sobre a motorista daquele táxi parado, e vazio, no ponto. "Ele tá aqui, ó!", e apontei pro sr que já tinha se aboletado na minha mesa e já falava sobre os netos. Agradei a todas as Nossas Senhoras que conheço e segui pra plataforma de embarque.

"Eu fotografei a senhora aqui na minha mente, sua ladra!"

Era um senhor entrando no corredor do ônibus e acusando uma moça lá do fundo de ter furtado o celular dele.

Aí, foi o maior tititi.

Veio o supervisor da companhia de ônibus, depois a polícia, a moça da limpeza tb entrou no ônibus pq ela tava lá e não viu nada, o cara que tava distribuindo panfletinho de ajuda por conta da deficiência auditiva ficou nervoso com o rebuliço e tb deu ruim, enfim...

Depois de 45 minutos, o ônibus partiu.

Agradei à Santíssima Trindade que correu tudo bem mesmo sem saber o desfecho da estória. Silêncio e quietude na BR101, a ex loura já babando de boca aberta quando toca o telefone com o hino do Flamengo.

Vcs sabem que flamenguista é uma espécie de praga que brota em qualquer lugar do planeta, né?

Vc pode estar filmando na Amazonia, em Itacaré, em San Martin de Los Andes e até mesmo no deserto da Sibéria, que vai surgir, do nada, um ser humano, lá no fundo do quadro, com a camisa do Flamengo e o diretor vai gritar: "Corta!!"

Daí, que o flamenguista atrás de mim é corretor de imóveis e eu juro que ele ficou tentando convencer o cliente a comprar o imóvel.

Depois de uma meia hora, fechei a minha boca que já não estava mais babando, dei uma espriguiçada bem longa e olhei pra trás.

Foi quando ele passou a sussurrar e eu fui nesse embalo pros braços de Morfeu.

Acabou ?

Não, caros leitores!

Lá do fundo vem a voz grossa de um homem pedindo "respeito, que tem criança aqui!"

E seguiu a discussão dele com uma voz bem fina, mas firme.

O bagulho ficou frenético com palavras com "preconceituoso", "intolerante", "sem vergonhice", "Deus tá vendo" e por aí foi até que a gente chegou na parada do ônibus.

Fui perguntar o que houve e eram duas namoradas que se beijaram e o homem ao lado não gostou.

Jesus, pelamordeDeus!

Saltamos todos felizes, lanchamos, fomos ao banheiro e na hora de reembarcar quem estava na porta do ônibus?

Quem?

O cara que tinha acusado a moça lá do fundo de ter roubado o celular dele.

Ele tava pedindo desculpas pra ela e pro filho dela.

O celular foi achado no banheiro e ele foi realocado no onibus seguinte ao nosso.

Daí o reencontro: a gente saindo do local e o outro ônibus chegando.

Obrigada, Senhor!

Agora, só faltam 3 horas pra gente chegar na rodoviária Novo Rio...



Sempre que eu posso, agradeço pela insistência que papai teve em me fazer compreender o quão amplo é o significado da frase: "A Terra gira em torno do Sol".
Obrigada, papai!

Ao mesmo tempo, desde que fui morar sozinha e passei a administrar minha própria casa, agradeço à mamãe pela insistência na frase, sempre que eu chegava da praia:
"Direto pro banho, Kika!"
"Não entra na sala, custava lavar o pé na garagem..."
"Pelamordedeus, não circula pela casa..."

foto de 1970, durante um almoço comemorativo a algum jogo da Copa de 70, papai de bigode em homenagem ao Rivelino e mamãe me mandando tomar banho pra não encher a casa de areia. Eu tinha 13 anos



Cristiana Garcia, mais conhecida como Kiki, é botafoguense papo firme. Formada em Jornalismo, iniciou a carreira na TVE. A partir de 1984 migrou para a área de produção de conteúdo como Diretora de Produção e Produtora Executiva em projetos de ficção e documentários como Xuxa e os Duendes 1, Anjos do Sol, Tô Ryca 2, Amor Veríssimo, 220 Volts, Rotas do Ódio, A Magia de Aruna, Um Ano Inesquecível/Primavera, Ouro Verde, Cacau entre outros.

ALLAN SIEBER na copa que o pariu





Allan Sieber (Porto Alegre, 1972) é artista plástico, cartunista e roteirista. Reside no Rio de Janeiro, onde mantém a galeria A Hostil Carioca, anexa ao seu ateliê em Copacabana. De 1999 a 2014 manteve a Toscographics Desenhos Animados, estúdio sediado no Rio de Janeiro e colaborou para a Rede Globo e Globosat em roteiros e animações para a TV. De 2005 a 2017 publicou as tiras "Preto no Branco" e "Bifaland, a cidade maldita" na Folha de S. Paulo. Foi colaborador fixo das revistas Trip, Playboy e atualmente publica na revista Piauí e tem uma página semanal na revista Época.

a geopolítica da fome de bola



por: **CARLOS EDUARDO LIMA**



Com a Copa de 2026 rolando e o mundo mais fragmentado que o lado B de um disco riscado, é hora de tirar a poeira do nosso **Manual do Torcedor Geopolítico**.

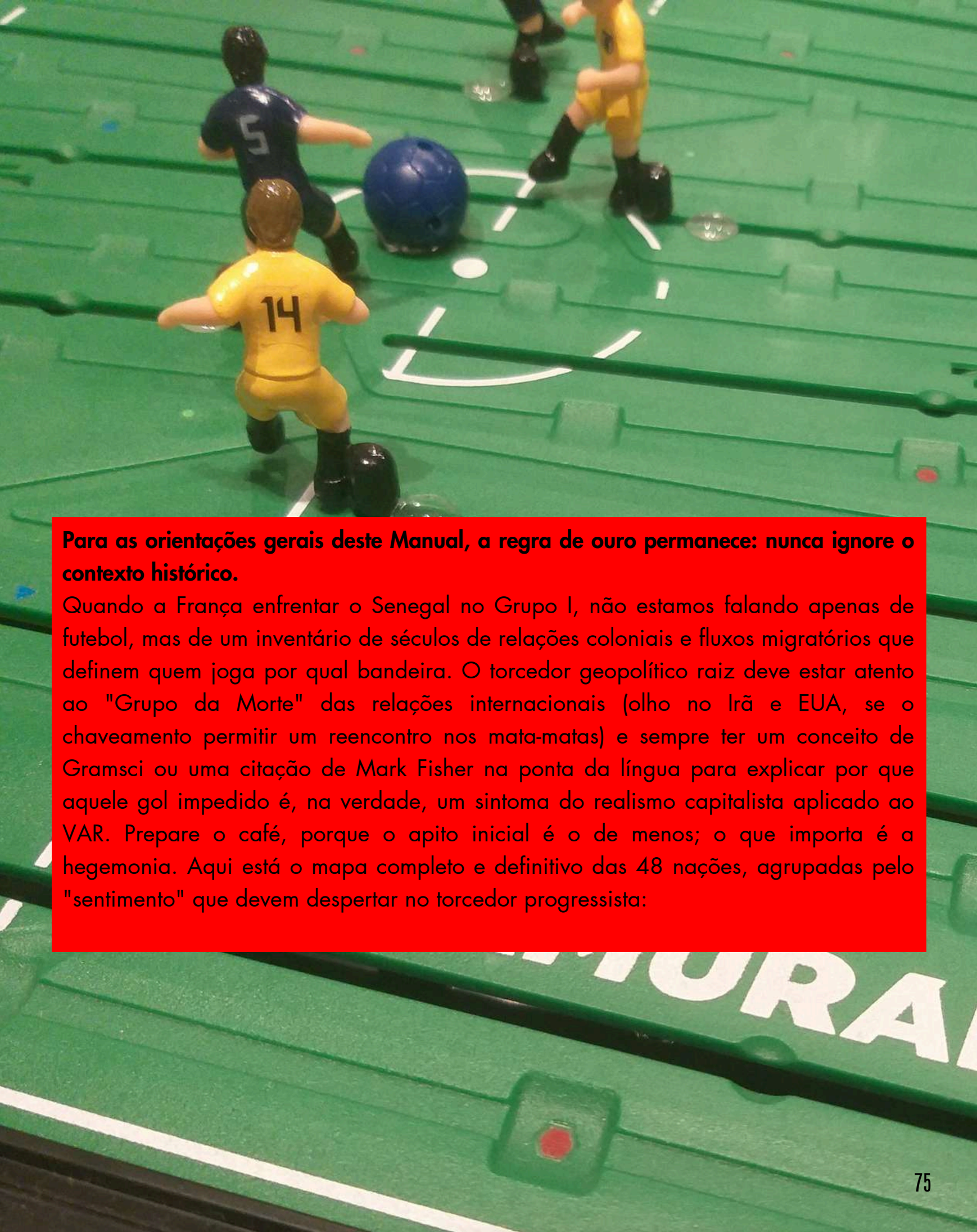
Nesta edição mastodôntica de 48 seleções, a primeira fase deixa de ser apenas um torneio de futebol para se tornar uma assembleia da ONU com mais cartões amarelos e menos vetos no Conselho de Segurança. Se em 1970 o México era o refúgio do futebol-arte, em 2026 o trio de ferro da América do Norte (EUA, México e Canadá) nos oferece um palco onde a logística de fronteiras e os vistos de entrada prometem ser tão emocionantes quanto um empate por 0 a 0 entre duas seleções do Pote 4.

No campo do Soft Power, a disputa é por quem consegue limpar a imagem mais rápido que um contra-ataque do Mbappé. De um lado, temos a Arábia Saudita — que está no Grupo H com a Espanha — tentando convencer o planeta de que o deserto é o novo centro gravitacional do esporte através de investimentos que fariam qualquer bilionário do petróleo corar. Do outro, Marrocos chega ao Grupo C (o mesmo do Brasil, aliás) surfando na onda de sua influência crescente na África e na candidatura conjunta para 2030, provando que o futebol é a diplomacia de chuteiras preferida dos regimes que querem um lugar ao sol — ou, ao menos, um lugar nos trending topics globais sem mencionar questões de direitos humanos.

No entanto, o verdadeiro "drible da vaca" na lógica institucional veio com a criação do Prêmio FIFA da Paz, entregue a Donald Trump em dezembro passado sob os holofotes de Washington. Em uma manobra que faria qualquer comitê do Nobel questionar o sentido da vida, Gianni Infantino decidiu que a melhor forma de celebrar a "unidade" de um torneio espalhado por três países era condecorar o homem que passou boa parte do mandato prometendo erguer muros entre eles.

Para a FIFA, parece que a paz não é a ausência de conflitos, mas a presença de um bom acordo comercial e de um aliado estratégico no Salão Oval; uma paz que ignora vistos negados para torcedores de nações "indesejadas" enquanto ostenta uma medalha de ouro no peito de quem vê o futebol apenas como mais um ativo imobiliário. No fim das contas, a entidade máxima do futebol prova que sua única ideologia real é o cinismo realista: se a bola pune, a diplomacia da bola, quando quer ser "pop", acaba premiando o surrealismo.

E, se falamos de cinismo, é impossível ignorar o tabuleiro de xadrez em chamas que se tornou o Oriente Médio, onde o Irã se vê novamente no papel de antagonista de um roteiro escrito a muitas mãos — e mísseis — ocidentais. Enquanto a narrativa hegemônica se esforça para pintar Teerã como o único foco de instabilidade, o Manual do Torcedor Geopolítico nos obriga a olhar para a soberania ferida de uma nação que, no início deste ano, viu seu território e suas lideranças serem alvos de ataques diretos e bombardeios coordenados. Defender a posição iraniana aqui não é ignorar as complexidades do regime, mas sim questionar a "ordem" que permite bombardeios preventivos e sanções sufocantes enquanto exige que a seleção persa entre em campo, sorridente, em estádios de cidades como Seattle e Los Angeles. Para os herdeiros de uma civilização milenar, o futebol nos EUA em junho será o último reduto de uma dignidade que recusa o boicote; é a resposta de quem, mesmo sob cerco e luto, usa a bola para dizer que seu direito de existir e de competir não termina onde os interesses de Washington e Tel Aviv começam.



Para as orientações gerais deste Manual, a regra de ouro permanece: nunca ignore o contexto histórico.

Quando a França enfrentar o Senegal no Grupo I, não estamos falando apenas de futebol, mas de um inventário de séculos de relações coloniais e fluxos migratórios que definem quem joga por qual bandeira. O torcedor geopolítico raiz deve estar atento ao "Grupo da Morte" das relações internacionais (olho no Irã e EUA, se o chaveamento permitir um reencontro nos mata-matas) e sempre ter um conceito de Gramsci ou uma citação de Mark Fisher na ponta da língua para explicar por que aquele gol impedido é, na verdade, um sintoma do realismo capitalista aplicado ao VAR. Prepare o café, porque o apito inicial é o de menos; o que importa é a hegemonia. Aqui está o mapa completo e definitivo das 48 nações, agrupadas pelo "sentimento" que devem despertar no torcedor progressista:



1. O Bloco das Américas (CONMEBOL e CONCACAF) **Entre a resistência latina e os donos da festa.**

As Sedes (EUA, México, Canadá): O trio do livre comércio. O Manual é claro: México é coração e resistência imigrante; EUA é o império que queremos ver cair nos pênaltis; Canadá é o primo educado que finge que não tem culpa.

A Elite Sul-Americana: Argentina, Brasil, Uruguai, Colômbia, Equador e Paraguai. A Argentina defende a honra do Sul; o Brasil de Vini Jr. luta contra o racismo; o Uruguai de Bielsa é a nossa vanguarda intelectual. Mesmo que Argentina, Equador e Paraguai estejam sob governos conservadores, o Manual manda torcer a favor deles contra seleções europeias e asiáticas.

A "Classe Média" da CONCACAF: Panamá e Haiti. O Haiti é o nosso símbolo máximo de luta histórica; o Panamá é o controle estratégico dos mares agora no gramado. Somos a favor de ambos.

Curaçao: A maior surpresa das Américas. Uma ilha de 150 mil habitantes jogando no quintal dos vizinhos gigantes. É o Davi contra todos os Golias ao mesmo tempo.

2. A Frente Africana (CAF) - Onde o futebol é mais do que jogo; é afirmação de soberania.

Marrocos, Senegal e Egito: As potências que não aceitam mais serem tratadas como "promessas".

Argélia, Tunísia, Costa do Marfim, Gana e África do Sul: O bloco da diversidade continental. Ver a África do Sul brilhar é sempre um lembrete da vitória sobre o Apartheid e da antológica passagem de Joel Santana por lá. E a Argélia é a seleção mais bacana da África, na nossa opinião.

RD Congo: A nossa torcida contra o extrativismo. Que cada gol seja um grito de autonomia do ex-Zaire. Torcemos para que haja um cruzamento com a Bélgica para um ajuste de contas.

Cabo Verde: O menor país em população na história a chegar lá. É a vitória do arquipélago contra o continente; do pequeno contra o gigante.

3. O Eixo Asiático e Oceania (AFC e OFC) - O drible que vem do Oriente.

Uzbequistão e Jordânia: As joias da Ásia Central e do Levante. Torcer para eles é celebrar a quebra do monopólio das potências tradicionais, mas não esquecendo que a Jordânia é uma monarquia petroleira que joga o jogo do Ocidente. Recomendamos atenção.

Japão e Coreia do Sul: O capitalismo tecnológico em sua expressão máxima. Eficientes, mas são "certinhos" demais. Caso joguem com europeus, torcemos a favor. Se jogarem contra latinos ou africanos, secamos com força.

Irã, Iraque, Arábia Saudita e Catar: Onde o futebol encontra a geopolítica do petróleo e das invasões. Torcemos por Iraque e Irã. Arábia Saudita e Catar, outras monarquias petroleiras ocidentalizadas, não.

Austrália e Nova Zelândia: Os representantes da Oceania que jogam com a fleuma do Commonwealth. Não se enganem: são lacaios da lógica imperialista global, membros do Five Eyes, pacto político-estratégico firmado com o Reino Unido, Canadá e Estados Unidos. Só torcemos a favor pelo fator "zebra".

4. A "Fortaleza" Europa (UEFA) - Os 16 que representam o antigo centro do mundo.

França, Inglaterra, Espanha, Portugal, Alemanha, Holanda, Bélgica: O G7 do futebol. O Manual manda secar todos, a menos que joguem entre si (aí torcemos pelo caos).

Croácia, Suíça, Escócia, Áustria, Suécia, Noruega, Turquia, República Tcheca, Bósnia e Herzegovina: O bloco que varia entre o "social-democrata entediante" e a "resistência balcânica". Torcemos pela Bósnia, pela Turquia e pela Escócia por serem os parentes pobres e raçudos desse grupo.

Alguns confrontos sob a análise do Manual:

Grupo A e B: Os Anfitriões e o Medo do Vazio

México x África do Sul (Abertura): O Manual sugere atenção ao "Efeito Sul-Global". É o México tentando reafirmar sua liderança na América Latina enquanto enfrenta um membro do BRICS.

Canadá x Catar (Grupo B): Um clássico do realismo capitalista. O país das "boas intenções" e direitos humanos recebe o país que comprou sua relevância no futebol através do petróleo. O Manual recomenda observar se haverá protestos silenciosos nas arquibancadas de Vancouver.

Grupo C e D: O Eixo do Atlântico e a Anglosfera

Brasil x Marrocos (Grupo C): O Brasil entra como a hegemonia cultural, mas Marrocos é o Cavalo de Troia do soft power africano. O Manual alerta: ignore o placar e foque na disputa por quem influencia mais o imaginário do Sul Global.

EUA x Austrália (Grupo D): É o clássico do Five Eyes. A orientação é clara: o jogo será monitorado por mais satélites do que câmeras de TV. No campo, são aliados; na tabela, é uma disputa interna pelo controle do Pacífico.

Grupo E: O Fantasma da Extração

Alemanha x Curaçao: O resumo do "Turismo de Desastre Geopolítico". A potência industrial europeia contra um território autônomo do Reino dos Países Baixos no Caribe. A orientação do Manual é: trate como um acerto de contas histórico onde a Alemanha tenta não ser colonizada pelo lifestyle caribenho enquanto exporta sua eficiência para um estádio no Texas.

Equador x Costa do Marfim: O "Duelo das Commodities". É o petróleo e a banana contra o cacau. O Manual sugere que o vencedor deveria ganhar o direito de ditar o preço do café no mercado futuro de Chicago por uma semana.

Grupo F: O Desafio da Modernidade

Holanda x Japão: O "Clássico da Tecnologia de Drenagem". São os dois países que mais entendem de lutar contra o mar. O Manual sugere que, em vez de pênaltis, o desempate seja feito via robótica ou gestão de recursos hídricos.

Suécia x Tunísia: O Manual define como o jogo do "Estado de Bem-Estar Social vs. Primavera Árabe". A frieza escandinava testada pelo calor político tunisiano. Observe se a Suécia tentará aplicar um 4-4-2 tão organizado quanto uma estante da IKEA.

Grupo G e H: O Barril de Pólvora e o Petrodólar

Bélgica x Irã (Grupo G): O confronto "Diplomacia x Sanção". O Manual orienta observar como a seleção iraniana usará o hino para enviar mensagens ao mundo enquanto joga no coração da Califórnia (Los Angeles). É a resistência cultural em território hostil.

Espanha x Arábia Saudita (Grupo H): A metrópole histórica do futebol contra o novo dinheiro que quer comprar a própria história. O Manual sugere analisar este jogo como uma transação comercial de 90 minutos.

Carlos Eduardo Lima (CEL) é flamenguista, mestre em História Social, jornalista especializado em cultura pop e editor-chefe da Célula Pop. Como crítico musical há mais de 20 anos, já trabalhou para o site Monkeybuzz e as revistas Rolling Stone Brasil e Rock Press. Acha que o mundo acabou no início dos anos 90, mas agora sabe que poucos e bons notaram. Ainda acredita que cacetadas da vida são essenciais para a produção da arte.

Grupo I e L: Heranças Coloniais e o Velho Continente

França x Senegal (Grupo I): O jogo que Mark Fisher analisaria como o fantasma do colonialismo. A orientação é contar quantos "franceses" estarão em campo vestindo verde e amarelo.

Inglaterra x Croácia (Grupo L): O Manual define este jogo como a "Crise de Identidade Europeia". A Inglaterra pós-Brexit contra a Croácia, que é um baluarte futebolístico da resiliência balcânica.

Grupo J: O Tabuleiro Árabe-Andino

Argentina x Argélia: Um embate de "Paixões Periféricas". Historicamente, ambos compartilham o trauma de dívidas externas e a glória de derrubar gigantes. A orientação é: se o jogo empatar, a culpa é do FMI.

Áustria x Jordânia: O Manual define este como o jogo da "Neutralidade Estratégica". A Áustria, que tenta não incomodar ninguém na Europa, contra a Jordânia, o para-choque de estabilidade no Oriente Médio. Perfeito para assistir lendo um tratado de não-proliferação.

Grupo K: A Rota da Seda e o Café

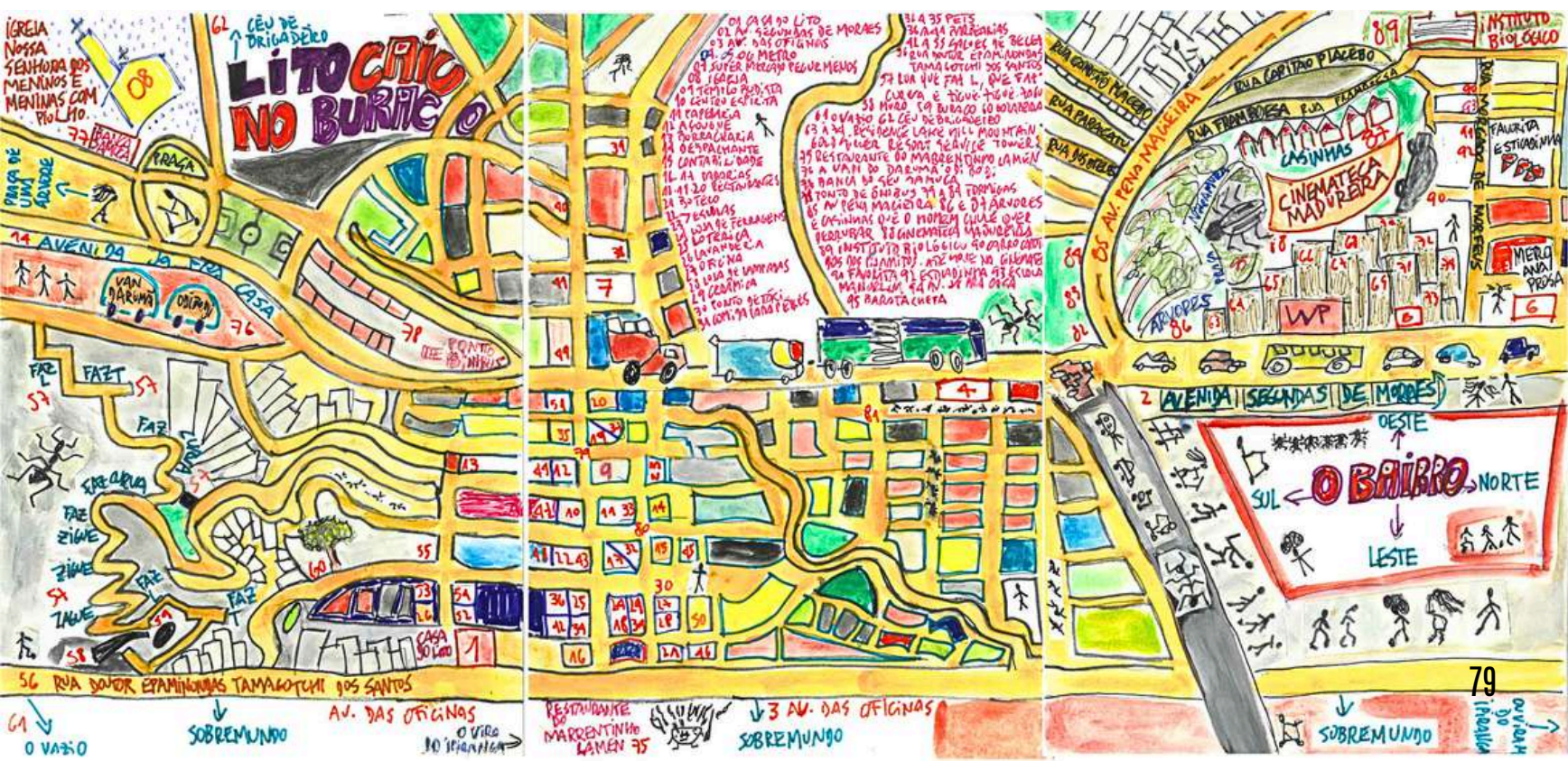
Portugal x Uzbequistão: O encontro da Expansão Marítima com a Rota da Seda. O Manual orienta: procure sinais de investimentos chineses nas placas de publicidade; se o Uzbequistão ganhar, é a Eurásia avançando sobre o Atlântico.

Colômbia x RD do Congo: O Manual chama este de "O Derby da Biodiversidade (e do Conflito)". Quem controlar o meio-campo controla os recursos minerais do futuro.

LITO CAIU NO BURACO

Começou como uma brincadeira de férias chuvosa. Recortar, colar e desenhar num bloco de super A4. Virou O Livro dos Seres Imaginários do Antonio e do Vicente, dali saíram reproduções muito bacanudas. Depois virou uma história e agora esta história procura editora para virar livro. Aqui na Corda, o começo dela. Vai que alguém cai no buraco.

Fabiano Maciel



01 A CIDADE E O BAIRRO

Lito mora numa cidade muito grande, em um bairro mais ou menos grande, cercado por duas avenidas muito compridas, por onde passam muitos carros, ônibus, caminhões, motos e, ultimamente, muitos patinetes também.

Em cima, voam aviões, helicópteros, drones, araras e pombos que vivem fazendo cocô nos vidros dos carros e na cabeça dos caminhantes distraídos. Debaixo da rua passa o metrô, que sempre tem muita gente com muita pressa.

Pensando bem, tem um montão de coisas nesta parte nem muito feia e nem muito bonita da cidade. Todo dia, tudo muda, e o que não está à venda está para alugar; e o que não está para vender nem para alugar está em obras. Casas são demolidas e prédios são construídos. Algumas lojas fecham e outras abrem.

A única coisa que não muda nunca é que sempre tem muito barulho. Da ambulância, do bombeiro, da polícia, dos carros do gás, da pamonha fresquinha de Piracicaba, do queijo do sul de Minas, do óleo, do ferro velho, dos produtos de limpeza, da vassoura e dos motoristas que dirigem ouvindo música alta. E é sempre música ruim.

Na rua onde Lito mora tem: 1 supermercado, 1 igreja, 1 templo budista, 1 centro espírita, 1 papelaria, 1 açougue, 1 borracharia, 1 despachante, 1 escritório de contabilidade, 2 padarias (uma normal e outra artesanal), 3 restaurantes, 1 boteco, 2 escolas, 1 loja de ferragens, 1 lotérica, 1 lavanderia, 1 oficina mecânica, 1 loja de lâmpadas, 1 loja de cerâmica, 1 ponto de táxi, 1 loja de comida para peixes, 4 lojas de pets, 6 barbearias e 14 salões de beleza.

O bairro é um labirinto. Algumas ruas fazem muitas curvas, outras fazem zigue-zigue-zague. Tem aquelas que fazem um quadrado, as que fazem um L e as que fazem um T.

Lito gosta mesmo é de andar de bicicleta. Mas pedalar no bairro não é fácil. As calçadas são desniveladas e com tantos degraus que até parecem escadarias. Tem calçada de cimento, de pedrinha, de lajota, tem de todos os tipos, menos calçada lisinha.

Tem muito lixo.

Muito entulho.

Muito buraco.

Muita subida.

Muita descida.

E no fim de algumas descidas, existem algumas ruas sem saída.

No fim da Rua Doutor Epaminondas Tamagotchi dos Santos — uma rua que faz uma curva e um zigue-zigue-zague, depois um L e depois um T, e que tem muito entulho e muito lixo — lá embaixo, no final dela, há um muro cinza todo grafitado, cheio de frases rabiscadas, frases como: “Bia, eu te amo”, “Eva, eu também te amo”, “Fora Aderbal Augusto” e “Vende-se cofres de segurança”.

A calçada colada no muro é estreita e coberta por uma grama alta.

Um dia, Lito estava descendo essa rua na maior correria quando passou por cima de um prego colocado estrategicamente num montinho de areia.

PÁ! O pneu da bicicleta furou.

Ele balançou, derrapou, foi para um lado, foi para outro, conseguiu controlar o guidão, desviou de um poste e se livrou de um gato que pulou na frente assustado. MIAUUUUUGGRRRRR! Mas o freio falhou. Ele bateu num sofá velho abandonado por ali, e a bicicleta voou por cima do muro.

Escondido no meio da grama alta da calçada estreita, tinha um buraco muito fundo e escuro.

Lito caiu dentro dele.

Tudo ficou preto.



02 O BURACO

Lito estava em casa, deitado no sofá com o controle remoto na mão. As imagens mudavam em segundos, e nem dava tempo de ele se ver na tela da TV, onde apareceu rodando no centro de um tornado; depois, em um vagão desgovernado do metrô; pulando numa quadrilha de São João; jogando pingue-pongue; fugindo de um cachorro bravo; e, finalmente, chacoalhando na máquina de lavar roupa, entre as camisas do seu time de futebol, suas meias chulezentas e o uniforme encardido da escola.

Ele não sabia se estava sonhando ou se estava acordado, se estava sonhando acordado, dormindo ou delirando, mas tinha certeza de que estava sentindo um cheiro bem conhecido...

Huuuummm...

Um cheiro gostoso...

Um cheiro de canela...

Um cheiro de banana...

Um cheiro de panqueca de banana.

E a panqueca de banana estava gritando para ele:

— Acorda! Acorda!

— Não quero acordar, não. Tá bom aqui.

— A gente tem que sair daqui agora!

— Mais cinco minutinhos...

— Acordaaaa!

Quando Lito abriu os olhos, viu alguém que parecia ser só um pouquinho mais velho do que ele. Era um guri nervoso, descabelado e vestido como um samurai de anime.

— Levanta! Corre!

Lito achou melhor obedecer, e os dois dispararam por um túnel circular.

— Quem é você?

— Eu sou o Bananinja, o Espantalho Anti-Pesadelo Voador.

— Mano, que nome choque de monstro!

— Eu não sou um monstro. Eu sou um espantalho.

— É só um modo de dizer. Mas espantalho não tem que ter cara de monstro?

— Só na roça.

— Você acha que algum corvo teria medo de um espantalho que é meio banana?

— Eu espanto pesadelos, não corvos. Corre!

Sem se preocupar em poupar fôlego, Lito seguia puxando conversa:

— Faz sentido. Nem todo sonho ruim tem monstro. Tem pesadelo em que a gente cai num buraco, se afoga, se perde dos pais... Quando eu era menor, até fazia xixi na cama de tanto medo.

— Nem sempre eu consigo chegar a tempo.

— E por que a gente tem que sair daqui?

— Porque os Vermes Chupa-Coxinha estão chegando, e eles são muito perigosos. Eles chupam os célebros das pessoas!

— Não é célebro. É cérebro!

— Os Chupa-Coxinhas transformam nossos cérebros em célebros.

— E o que acontece? A gente fica descelebrado?

— A gente vira minhoca! Uma minhoca que não serve pra nada: nem pra adubar a terra, nem pra planta crescer, nem pro corvo tentar comer, nem pro espantalho tentar espantar.

— E tem cura?

— Tem que tomar a Vacina Anticabeça de Minhoca. Se liga, eles estão chegando!

Os Chupa-Coxinhas se espalhavam rapidamente pelas paredes do túnel. Bananinja usava sua espada de samurai, enquanto Lito dava golpes de capoeira para afastar os vermes malditos. Mas o Bananinja não era exatamente um ninja, e Lito não era um mestre na capoeira. Os vermes eram numerosos, e em pouco tempo a dupla foi dominada.

Tudo ficou preto.

03 A GOIABEIRA ESQUISITONA

O tornado voltou a girar na cabeça cheia de cachos de Lito. Bicicletas, helicópteros, casas, placas, sinais de trânsito, bananas e panquecas giravam juntos, e ele custou a perceber que estava no alto de uma goiabeira — uma goiabeira esquisitona, diferente daquelas que aparecem nas histórias do Chico Bento.

A goiabeira onde Lito estava dependurado não tinha as goiabas suculentas e doces do Nhô Lau. No lugar delas, havia muitas coxinhas de galinha. Como se não bastasse, do topo de cada coxinha surgia uma cabeça de minhoca abestada!

Uma chuva de mísseis caía do céu. Mas não eram mísseis: eram vacinas, e elas acertavam as goiabas — quer dizer, as coxinhas — que se esfarelavam no chão.

Lito fazia um esforço danado para se desvencilhar dos galhos e das folhas, mas algo não estava funcionando como deveria. Ele não conseguia mexer os braços, e as pernas também estavam imóveis. Notou que, lentamente, seu corpo estava sendo envolvido por uma massa gordurenta com pedaços de carne desfiada.

Ele estava virando uma coxinha!
E, para piorar, uma coxinha sem catupiri!

Quando tudo já parecia perdido, faltando muito pouco para ele se transformar numa cabeça de minhoca abestada em um corpo de coxinha sem catupiri, Lito foi surpreendido por uma mão de ferro gigante, que o arrancou do galho como se ele fosse uma goiaba madura. Ou melhor dizendo: uma coxinha madura.

- Venha comigo! Aqui não é lugar para homens pequenos.
- Não sou homem pequeno. Sou uma criança quase entrando na adolescência.
- Certo, criança quase entrando na adolescência.

O gigante sacudiu Lito com os dedos. Deu uns petelecos nas pernas e nos braços e depois assoprou bem forte, até a massa que estava enrolada no corpo desgrudar e virar poeira. Lito não teve tempo para reclamar ou reagir. Ao contrário do que diz a lenda, o Saci-Pererê Transformer era gigante, feito de ferro e de um montão de traquitanas recicladas. O Saci pulava muito alto, e a terra tremia quando seu único pé pisava firme no chão. Ele parou na beira de um penhasco, colocou Lito dentro de seu cachimbo e começou a contar:

- 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8...No 9, o Saci saltou para o vazio. Lito gritou:
- Caracaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Tudo ficou branco.



COLOQUE UM SER IMAGINÁRIO NA SUA PAREDE!

SACI-PERERÊ



TRANSFORMER

papel super A3 (47,7 cm x 32,7 cm),

R\$ 150, 00 incluindo correio para todo o brasil

confira todos os “seres imaginários” no instagram @fabpmaciel nos destaques da FAVA

São Paulo, terça-feira, sete da noite. Estou em uma padaria dos Jardins e peço um x-salada para comer antes de partir para o show do Bad Religion.

É quando ele entra. Um sujeito absolutamente comum, igual aos milhares de homens de trinta e poucos anos que passam por aquela região todo dia.

Mas o olhar faz a diferença.

Eu já vi isso antes. É o olhar das neuroses urbanas e das promessas não cumpridas. Tipicamente paulistano, nós o vemos espalhado pelos quatro cantos da cidade. Independente da classe social, ele está sempre ali.

O homem senta e não pede nada.

E aí, ele começa:

"Feminicídio é mimimi. Da opressão que os homens sofrem vocês não falam".

A garçonete passa voando para não dar tempo de ser interpelada.

Ainda assim, ele insiste.

"Sabe quantas caixas d'água são estupradas todos os dias?"

Eu viro pra olhar, o caixa vira pra olhar, o chapeiro vira pra olhar.

Se era atenção que ele queria, conseguiu.

Vladimir Cunha -Trabalhou como diretor e roteirista da série Brasil Total e foi consultor criativo dos programas Central da Periferia e Esquenta, todos apresentados por Regina Casé e exibidos na Rede Globo. Integrante do primeiro núcleo criativo da Amazônia, pela TV Norte, co-roteirista do longa de ficção Flashdance TF, o único selecionado no estado do Pará no Edital Ancine Novos Realizadores 2022. Colaborou com o roteiro do documentário Na Fronteira do Fim do Mundo (Floresta Urbana), selecionado no Montreal Independent Film Festival 2022 (Canadá). Dirigiu e roteirizou o filme Flor da Lua, coprodução com o Canal Brasil sobre a cantora paraense Dona Onete, integrante da seleção oficial do festival In-Edit. Foi diretor e roteirista do documentário Brega S/A, sobre a cena tecnobrega de Belém do Pará, com pré-estreia no festival In-Edit e estreia na MTV Brasil. Co-dirigiu e roteirizou a série Discoteca MTV e dirigiu e roteirizou a série Brasileiro Petrobrás, exibida no Youtube e na ESPN Brasil. Como jornalista, colaborou com as revistas Piauí, Rolling Stone Brasil, Rolling Stone Itália, Billboard, Superinteressante, Playboy, Sexy, Herói e Play, entre outras.

O MALUCO DA PADARIA

por **VLAD CUNHA**

E aí o sujeito entra numa onda muito louca, de português ruim e ideias piores ainda. Há uma conspiração em curso para destruir a família, a Igreja, o capitalismo. Mulheres são vadias e não valorizam homens interessantes, provedores, "com papo", cultos. Ou seja: não valorizam ele. O velho ciclo: uma auto-ilusão que não se confirma e, ao não se confirmar, alimenta uma neurose que vai se traduzir em violência, nem que seja apenas verbal. Na cabeça dele há uma guerra e os soldados são os machos de verdade, que se imaginam como personagens de Downton Abbey, sempre prontos para defender o Ocidente do Islã, das barbáries do Leste e das mumunhas dos selvagens que habitam as colônias. O Fardo do Homem Branco, que aqui é carregado por uma legião de pardos latinos com delírios de grandeza. Vivemos dias perigosos. É preciso estar atento, pois o comunismo está logo ali e tudo é O Inimigo: os gays, as lésbicas, as rodadas, as mães solteiras, as feministas de franja, a Érika Hilton, o Maduro e o...Lula.

O Lula. Esse Leviatã barbudo de um metro e meio que aterroriza todo paulistano de bom coração. Lula. Molusco. Nine. Painho. Ladrão. O maluco sabe tudo. Sabe dos clones, das fazendas, da Ferrari de ouro... Lula. A grande fonte de todas as dores do mundo.

Não sei o que foi que deu no sujeito, mas ele passou a olhar pra mim. Falava do Lula e me olhava. Falava de Comunismo e me olhava. Falava do Lula de novo. Falava da Dilma. Sempre me olhando.

Essa era A Voz do homem médio, e mediano, brasileiro. Desprovido de importância, vazado de sentido, perdido numa megalópole onde tudo é medido pelo capital, seja ele real, político ou simbólico. Mas há uma solução: tomar a pílula vermelha, acordar para a Realidade, estudar o professor Olavo, sacar todas as conexões malignas que transformam este mundo numa eterna orgia De Olhos Bem Fechados destinada a uns poucos afortunados. E se o mundo é uma selva, melhor viver como animais. Homens são Alfa e Sigma, quem não come ninguém é beta, mulheres são "vadias" e "rodadas", perdedores são "betinhos" e somente os Chad Vaders acessam "todas as bucetas rosadas do mundo". E agora, esse turbilhão de ideias, esses conceitos equivocados que empurram a mente para um estado de puro Id, estava ali, na minha frente.

Falando do Lula e me olhando.

Doidinhos de bairro de todo o mundo, uni-vos.

Dá pra rir. Ao mesmo tempo em que rola uma certa tensão. Porra, essa é uma cidade que tem serial killer e onde tu morre porque tá usando a cor errada no lugar errado. E se esse filhodaputa tiver armado? Tô exagerando? Não sei. Nesse mesmo bairro, há alguns quarteirões daqui, uma deputada de extrema-direita perseguiu, de revólver em punho, um homem negro desarmado. Há algo simbólico nisso tudo, nessa violência em forma de

incontinência verbal que acontece no mesmo lugar onde se tornou comum pedir a volta do AI-5 em manifestações de rua.

Apesar de toda essa ressonância, o homem continua interagindo com ninguém. Talvez porque haja limites até mesmo para quem quer a volta da ditadura.

Ele fala mais uma vez do Lula e vira para mim, como se esperasse uma reação que não veio.

Termino de comer, peço a conta e pago. Passo por ele e ouço uma última provocação: "Tinha é que revogar essa Maria da Penha".

Sigo reto e não dou papo. Ele continua falando, sua voz sumindo na ambiência caótica da maior cidade da América do Sul.

Desde 2023, uma playlist NA CORDA BAMBA por semana. Nesta edição, o link de 4 inéditas:



música muito velha e muito nova. música pra pular, dançar, brigar, xingar, amar, beijar, viajar, descansar. pra ficar alegre, pra chorar as mágoas e as pitangas. música daqui e de lá. as que tocaram muito no rádio e as que nunca tocam em estação nenhuma.

NCB # 176 começando com um samba cabula, um jon, um jorge, um joão, uma filha de joão e uma filha de jobim



NCB # 177 na corda bamba 177 embolando o tempo



NCB # 178 vizinha não sai da grande área



NCB # 179 o sol da meia-noite



lugar comum

S
Seguier

ARTE E FOME

Ninguém mais ignora que a arte e a fome são companheiras inseparáveis, desde as mais remotas eras, quando os "trovadores" caminhavam, famintos, pelas estradas infindas, de aldeia em aldeia, até que se fartavam em qualquer cozinha opulenta dos fidalgos medievais, em troca de alguns momentos de distração proporcionados às famílias de suas senhorias.

A vida dos artistas, mesmo a dos que mais se elevaram nas glórias futuras, todas elas, com rara exceção, se forjaram na negra miséria, se alimentaram tão somente de sonhos e de ideais, pois que o pão nosso de cada dia era um problema mais sério e difícil de resolver que a criação de uma "9.ª sinfonia", a realização de uma tela como o "Juízo Final", ou a concepção de uma "Divina Comédia".

Nunca foi devidamente compensado o trabalho daqueles que fizeram da arte a razão da vida. E os poucos que chegaram a conhecer, por fim, depois de anos de luta, um pouco de conforto, foi sempre quando a morte já vinha perto, de mãos dadas com a tuberculose, que tem sido a maior celfadora dos genios da humanidade.

Agora mesmo, mais quatro biografias foram entregues à curiosidade dos que se comprazem na leitura das grandes vidas. E todas elas nos nivelam, como uma reafirmação de que a fome não se aparta dos artistas, a existencia de sofrimentos morais de penurias materiais por que passaram quatro grandes vultos da arte contemporânea.

CONCERTO

SETEMBRO

HOJE — Olga Fran
Teatro Serrador, às

HOJE — Ali Al
Orchestra, sob a di
kowski — Estadio
F. C., às 14 horas.

SEGUNDA-FEIRA,
oficial da E. N. Mú
horas — Violinista M
vino.

QUINTA-FEIRA, 1
em benefício das M
canas e comemoraçã
rios de Portugal —
às 17 horas.

SABADO, 14 —
Nalberger — E. N.
horas.

SEGUNDA-FEIRA,
to de Bidú Salão
vais — Estadio do
21 horas.

SEXTA-FEIRA, 20
De Marco — E. N.
sica.

Concerto org

super obrigado MESMO aos apoiadores desta edição:

**alessandro gamo, ale brizuela, andrea dutra, andrea fenzi,
andré khedi, bruno petinelli, carlos alberto de mattos, carol
hanashiro, claudia oliveira, cristina schumacher, cyntia motta,
dan ioschpe, daniel sabino, daniel tucci, danilo matoso, fabio
nascimento, fabiano nascimento, fatah (joyce mendonça),
felipe gallardo, flavia bonilichti, flavia lins e silva, flavio
carvalho, flavio zettel, guilherme kato, guilherme vasconcelos,
gustavo gordilho, henrique tartarotti, isolde bossak, ivani
flora, jeb blount, joão costa, joão manoel da rocha lima, joão
roni, kristina michahelles, lara francischetti, leila bourdokian,
lena dallabona, leonardo dourado, leonardo ribeiro, lucas
bambozzi, lucia borges, luciana stifelman, lucila pastorello,
lucio agra, luiz leitão, marcelo guru duarte, marcelo piraino,
márcia weber, marcio pinheiro, maria helena salomon,
mariana filgueiras, mariana rodrigues, marilda donatelli,
mauro dorfman, miguel pachá, nildé ferreira, nina
galanternick, nina luz, norma braga, nuno godolphin, patricia
bau, paulo tadeu lott, raymond simple, regina kato, regina
pessoa, renato barbieri, renato silva, reynaldo zangrandi,
rodrigo letier, rosana paulino, sival duga, sonia nunes, sylvia
millon, tatiana maia lins, teodoro da rocha, tissi mouzinho,
toco lenzi e vania lima.**

em julho !



contrapartidas:

agradecimentos: **R\$ 5,00 até R\$150,00**

caneca da corda: **acima R\$150,00**

camiseta da corda: **acima R\$ 250,00**

camiseta e caneca da corda: **acima de R\$ 500**

sua marca ou nome no site: **acima de R\$ 1000**

sua marca ou nome no site e em todas as
postagens e peças de divulgação: **acima de R\$
3500**

**apoie na corda bamba no pix
fabpmaciel@gmail.com**

